

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DARLAN DA SILVA

**A PRÁTICA EDUCATIVA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS-SC**

FLORIANÓPOLIS
2018

DARLAN DA SILVA

**A PRÁTICA EDUCATIVA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS-SC**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5874 - Seminário de Conclusão de Curso I, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Orientador: Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros

Co-orientador: Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição

**FLORIANÓPOLIS
2018**

Darlan da Silva

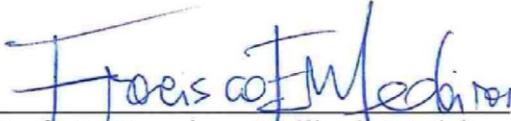
**A PRÁTICA EDUCATIVA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NUMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS/SC**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Licenciado em Educação Física" e aprovado em sua forma final pela banca examinadora

Florianópolis, 29 de junho de 2018

Prof. Dr. Giovani Firpo Del Duca
Coordenador de Curso

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Francisco Emilio de Medeiros
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Ma. Andresa Silveira Soares
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof.^a Giorgia Enae Martins Knabben
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Vitor Gonçalves da Silva
Prefeitura Municipal de Florianópolis

AGRADECIMENTOS

Após um longo caminho percorrido, carregado de muitos desafios e superações, encontros e desencontros, encantamentos e frustrações, chegou a hora de concluir uma etapa tão importante de minha vida, e com isso gostaria de agradecer a todos aqueles que de alguma maneira marcaram esse momento de imenso prestígio.

Portanto agradeço imensamente a Melissa, minha namorada e companheira, que me deu um filho lindo Enzo, e que me faz muito feliz. Obrigado por estar sempre ao meu lado, me dando forças e esperanças para superar os momentos mais difíceis e angustiantes que a vida me apresenta.

Agradeço especialmente aos meus orientadores, prof^o Francisco e prof^o Victor, por todo apoio e todo carisma que me ofereceram, vocês fizeram este trabalho acontecer.

Além disso, sou extremamente grato por fazer parte do grupo NEPEF/GPOM, obrigado por me receberem tão bem e me proporcionar tanto aprendizado, vocês são parte integral deste trabalho. Gostaria de agradecer também a todas amigas que pude fazer por meio deste grupo, em especial aos meus amigos Mano, Gui, Vitor e Léo. Obrigado por fazerem parte desta etapa e por todo apoio e companhia oferecido.

Agradeço aos meus familiares, por toda força e motivação.

E quero agradecer também a todos amigos que tenho em vida, pela boa amizade e companhia e pelos momentos de alegria e descontração. Vocês foram importantes para aliviar todo stress e pressão que debruçava sobre mim.

E por fim, gostaria de agradecer a duas pessoas em especial, Mauro e Giza, sou muito grato por me acompanharem nesta jornada e por toda força e assistência oferecida, sem a ajuda de vocês minha jornada seria mais difícil.

RESUMO

Este estudo busca investigar como uma professora de Educação Física de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC constrói a sua prática educativa com base no processo de socialização entre o trabalho docente e o emaranhado da cultura escolar. Para dar conta desta tarefa são propostos os seguintes objetivos: GERAL: Compreender como uma professora de educação física constrói a sua prática educativa a partir das relações com a cultura escolar e a socialização docente em uma escola da Rede Municipal de Florianópolis-SC. ESPECÍFICOS: Compreender como os professores de Educação Física ingressam e constituem no processo de socialização docente nas escolas de educação básica na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC, Identificar e compreender quais conhecimentos são construídos nas aulas de Educação Física, e Refletir e discutir as decisões que estabelecem os caminhos da prática pedagógica do professor de educação física na escola. Como decisão metodológica foi realizado um estudo de caso em uma escola da rede municipal de educação básica na cidade de Florianópolis. O colaborador do estudo se deu a partir da participação espontânea de uma professora de Educação Física de caráter efetivo. Para o processo de coleta de dados foram utilizados diário de campo, entrevista semiestruturada, observação e análise documental. Neste sentido, conclui-se que a prática educativa da professora pode ser caracterizada por uma concepção de ensino tradicional e que tal aspecto é decorrente do processo de formação da professora, o que constitui uma marca na sua identidade docente repercutindo na sua prática educativa enquanto professora de Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Prática educativa, Identidade Docente, Cultura Escolar, Trabalho Docente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GPOM = Grupo De Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Docente e o Mundo do Trabalho em Educação Física

NEPEF = Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física

UFSC = Universidade Federal de Santa Catarina

RME = Rede Municipal de Ensino

PME = Plano Municipal de Educação

SME = Secretaria Municipal de Educação

PPP = Projeto Político Pedagógico

EDF = Educação Física

Sumário

1.	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	9
1.1.	Problema de Pesquisa	10
2.	OBJETIVOS	11
2.1.	Objetivo Geral	11
2.2.	Objetivo Específico	11
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1.	Cultura Escolar e Identidade Docente	12
3.2.	Formação e Prática Educativa do Professor de Educação Física	14
3.3.	Desenvolvimento Docente e Construção da Identidade do Professor.....	18
4.	DECISÕES METODOLOGIA	21
4.1.	Palcos de Investigação.....	21
4.2.	Participante da pesquisa.....	22
4.3.	Procedimentos para Obtenção das Informações.....	23
4.4.	Processo de Análise das Informações.....	25
5.	CATEGORIAS ANALÍTICAS.....	27
5.1.	O Percurso da Professora de Educação Física no Processo de Socialização Docente.....	27
5.2.	Conhecimentos e Caminho da Prática Pedagógica da Professora de Educação Física.....	32
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
7.	REFERÊNCIAS:	42
8.	ANEXOS.....	45
9.	APÊNDICE A – Transcrição da Entrevista Semiestruturada.....	48

10.	APÊNDICE B – Diários de Campo.....	56
	Apêndice 1.....	56
	Apêndice 2.....	58
	Apêndice 3.....	61
11.	APÊNDICE C – Conjuntura Escolar.....	62

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este trabalho é um fragmento de um projeto maior construído pelo grupo GPOM¹, intitulado O Trabalho Docente na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC: Construção da Identidade e do Fazer Pedagógico de Professores de Educação Física, onde busca-se compreender a construção da identidade docente e a prática educativa dos professores de Educação Física a partir da socialização constituída no emaranhado cultural da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis-SC. Com isso este projeto se constitui dando enfoque a um dos objetivos específicos da pesquisa do grupo: identificar como os professores de Educação Física constroem a sua prática educativa nas escolas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis-SC

A pesquisa se justifica ao partir da ideia de que os professores constantemente buscam compreender a cultura escolar onde estão inseridos, e, através de um processo reflexivo, procuram compreender a sua prática educativa e construir sua identidade como professores de Educação Física. Além disso entende-se que o processo de desenvolvimento docente é contínuo e possui relação direta com a escola onde o professor atuar, havendo a necessidade de compreender a cultura docente e escolar da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.

As relações da cultura escolar com o desenvolvimento docente dos professores de Educação Física iniciantes, aparece no debate sobre o distanciamento entre teoria e prática, que emerge quando o professor depara-se com a diversidade cultural na sua prática educativa. Portanto, considera-se que a formação inicial de forma generalista, no que se refere-se à construção de possibilidades e à emancipação docente, dá conta do processo formativo do professor. Contudo, no que se refere à formação para a prática educativa, não consegue ir além do debate técnico-instrumental racionalista, o qual fragmenta o currículo e distancia-se do debate sobre a cultura escolar e a cultura docente.

Tardif (2005, p. 235) observa que “[...] os professores são vistos como aplicadores dos conhecimentos produzidos pela pesquisa universitária, pesquisa essa que se de-

¹ GPOM (Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Docente e o Mundo do Trabalho em Educação Física) é um grupo de estudos advindo dos professores da UNESCO que discutem e pesquisam a formação de professores de Educação Física. Atualmente encontra-se presente na Universidade federal de Santa Catarina (UFSC) juntamente ao NEPEF (Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física).

senholve, na maioria das vezes, fora da prática do ofício de professor”. A formação técnica é amplamente apresentada e pautada no início da docência. O professor se forma no processo de busca do como fazer frente aos estudantes. Para Pimenta (2002), a formação de professores não pode se restringir ao campo aplicado das ciências da educação, apontando como caminho a construção de saberes docentes a partir das necessidades pedagógicas. O caminho emergente está em tomar a prática educativa como uma prática social, reinventando os saberes pedagógicos. Conceição (2014) destaca que estudar esse sujeito é analisar contextos socioeconômicos que embalam a sua prática educativa. Neste sentido, a construção dessa identidade não aparece em um período específico, mas é apoiada e constituída durante toda a vida de professor.

É neste cenário que este estudo é proposto para fazer uma análise do trabalho docente de professores de Educação Física, levando em consideração como a organização do sistema educacional influencia na sua prática pedagógica.

1.1.Problema de Pesquisa

Como uma professora de Educação Física de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC constrói sua prática educativa com base no processo de socialização entre o trabalho docente e o emaranhado da cultura escolar?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Compreender como uma professora de educação física constrói a sua prática educativa a partir das relações com a cultura escolar e socialização docente, em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.

2.2. Objetivo Específico

- Compreender como os professores de Educação Física ingressam e se constituem no processo de socialização docente na escola de educação básica, da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC.
- Identificar e compreender quais conhecimentos são construídos nas aulas de Educação Física.
- Refletir e discutir as decisões que estabelecem os caminhos da prática pedagógica dos professores de Educação Física na Escola.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Cultura Escolar e Identidade Docente

Esse projeto considera necessário compreender como a cultura escolar articulada ao processo de socialização influencia e auxilia no processo de construção docente dos professores de Educação Física. Para isso considera-se importante compreender a cultura como um dos elementos centrais para discutir a socialização dos professores. Entretanto é necessário compreender e conceituar a cultura escolar, com isso nos apoiamos em autores como Pérez Gómez (2001) e Molina Neto (1997 para discutir o que é cultura.

Nesse sentido nos apoiamos no pensamento de Geertz (1989), ao afirmar que o homem é um animal suspenso em redes de significados que ele mesmo ajudou a tecer. Para Berger e Luckmann (2012) a condição única dos sujeitos na sociedade é construída tendo como elementos básicos tanto os aspectos culturais do grupo social no qual está inserido, quanto às escolhas e os critérios de decisão do referido sujeito. Assim, ele não assume apenas papel passivo de mero fantoche, mas também de ator, assumindo responsabilidade, embora fortemente influenciado pela realidade. Esta possibilidade do sujeito assumir o papel de ator e não de fantoche, é que move e constrói a sociedade, bem como a identidade individual.

Contudo existe o caráter dialético da ação cultural, que de acordo com (MOLINA NETO, 1996, p.22), “[...] se define ao dizer que os homens e mulheres são ao mesmo tempo produtores e produtos da cultura resultante das relações entre ele e a natureza.”. Para Perez Gómez (2001, p.17), essa cultura ainda se expressa “[...] em significados, valores, sentimentos, costumes, rituais, instituições e objetos, sentimentos (materiais e simbólicos) que circundam a vida individual e coletiva da comunidade”.

Ao dirigir o debate a cultura escolar, pode-se compreender que a escola é uma instituição onde envolve distintas e inúmeras culturas, conferindo normas, valores, capital cultural e as subjetividades dos sujeitos que a compõem. Dayrell (1996), ao pensar a escola como espaço sociocultural, associa o papel dos sujeitos na organização que a constitui, apontando que a instituição escolar é um resultado de confronto de interesses, onde coexistem dois lados diversificados, de um a organização do sistema (horários,

provas, funções) e do outro os sujeitos sociais (professores, alunos, funcionários) que criam um sistema de inter-relações.

Entende-se assim, que a escola é constituída e permeada por diversos aspectos que as configuram como instituição sociocultural, desde normas e regimentos, ordem e desordem, hierarquias e um sistema organizacional, e claro, pelos sujeitos sociais (professores, pais, estudantes, direção, coordenação e demais funcionários), sujeitos que agem de forma simultânea, cada qual exercendo sua função, em diferentes lugares e posições do contexto escolar.

Entender a escola como construção social, implica em compreender o seu fazer cotidiano. A socialização entre os sujeitos constroem mecanismos de rotina nesta realidade de vida cotidiana, envolvido pelas relações sociais, e pelo emaranhado cultural existente no contexto educacional. Para Perez Gómez (2001) a escola como qual qualquer outra instituição social, desenvolve e reproduz sua própria cultura. Ou seja, produz um conjunto de significados e comportamentos que esse contexto de ensino aprendizagem cria enquanto instituição social. Para o autor é imprescindível “entender a escola como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados”. (PEREZ GÓMEZ, 2001, p.12)

Levando em consideração a diversidade cultural existente no contexto de ensino aprendizagem, Dayrell (1996) afirma que é preciso compreender os jovens que chegam à escola como sujeitos socioculturais, desmistificando assim a ideia de homogeneizante e estereotipada dos estudantes. Para o autor, os estudantes são frutos de um conjunto de experiência social.

Pode-se compreender que tanto os estudantes, quanto professores, diretores e demais funcionários da escola possuem suas identidades e culturas. Dayrell (1996), enfatiza que é na escola que as diversidades culturais se cruzam, se interligam, e assim, os sujeitos passam a internalizar diferentes concepções que podem ser criadas e recriadas, e que são geradas pela socialização com os demais colegas, pelos ritmos da própria escola, nas aulas ou para além das aulas, e através das interações sociais.

Para Conceição (2014), é preciso compreender a cultura escolar adentrando na complexidade em que se passa, e ao tratar do processo de entrada na carreira; é necessário entender e estar atento a espiral de relações sociais que existe no contexto estudado.

“Ser professor é relacionar-se com a cultura escolar e compreender a relação de ida e vinda, de troca, de compreensão sobre o transformar; e a transformação é a ligação possível entre a formação crítica e a atuação emancipada do sujeito” (CONCEIÇÃO, 2014, p.51).

Essa dialética entre os sujeitos e a cultura pode ser entendida como imprescindível para a compreensão da prática educativa dos professores de Educação Física iniciantes. Ainda, estudar a cultura escolar, remete a necessidade de refletir sobre diversos elementos desde aspectos de coletividades e de individualidades (hora do planejamento; as reuniões pedagógicas; a sala dos professores; reuniões com os pais; e, a construção do projeto político pedagógico), diante as diversas formas de relacionar-se com o outro e com o mundo, e sobre as interações sociais constituídas dentro da escola.

Para Molina Neto (1997, p. 37). a “cultura docente concebe o professorado de Educação Física em seu caráter mais amplo, sintetiza e engloba o âmbito do trabalho e do não trabalho, entre o sujeito que ensina e o sujeito que ri, que joga e que vive” Para o autor o professorado de Educação Física configura e articula sua cultura docente a partir de elementos concretos que compõem a experiência, a prática, o conhecimento, a formação e as crenças do sujeito. Em outras palavras, compreender essa cultura docente é se aproximar dos sentidos que concebem os sujeitos em relação a sua realidade e ao seu dia a dia.

Neste sentido, é possível apresentar alguns elementos presentes na cultura escolar que constituem a cultura docente, como os elementos de ordem e desordem, de interações, de orientações, definições de papéis, função dos professores e da gestão, o fazer solitário, isolamento, e a reflexão cotidiana. É possível que a cultura docente proporcione significado aos docentes nas incertezas e conflitantes condições de trabalho. A cultura docente constitui o componente privilegiado da cultura da escola como instituição.

3.2. Formação e Prática Educativa do Professor de Educação Física

Nesta seção procura-se apresentar a perspectiva tratada neste projeto sobre a prática educativa e o processo formativo do professor. Para dar conta disso, serão abordados conceitos sobre formação inicial e permanente e estabelecendo o marco filosófico

para compreender o fazer docente, buscando a sua interligação com a cultura escolar e a cultura docente. Além disso procura-se aproximar de um debate embasado na pedagogia crítica para esclarecer tais questões.

Para amparar o conceito de cultura docente, utiliza-se do pensamento de Molina Neto (1998) ao observar que entender a cultura docente é aproximar-se do sentido que os sujeitos atribuem à sua realidade e ao seu cotidiano de trabalho, a partir das condições materiais concretas. Essa observação avança na compreensão de que a cultura docente é construída em um momento histórico específico, em um espaço cultural determinado. Para Molina Neto (1998, p. 67),

[...] cultura é toda a realização humana que se efetua e se faz explícita a partir do conhecimento produzido socialmente pela experiência, na relação dialética homem-natureza, na tentativa histórica de reproduzir a vida, produzir elementos para a sua sobrevivência e compreender os contextos físicos e espirituais em que se dão as relações pessoais. O caráter dialético da ação cultural se define quando se diz que os homens e as mulheres são ao mesmo tempo, produtores e produtos da cultura resultante dessas relações.

Procurando entender a formação inicial do professorado, utilizo-me do pensamento de Carreiro da Costa (1994) refletindo que a formação inicial corresponde ao período durante o qual o futuro professor adquire os conhecimentos científicos ou pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira docente. O autor observa que, se essa fase de formação não promover a alteração das concepções prévias sobre a escola, essas ideias irão exercer uma influência permanente e decisiva nas suas crenças, perspectivas pedagógicas e comportamentos, quando o indivíduo tornar-se professor.

Giroux (1997) debate sobre a formação inicial do professor, elaborando críticas sobre a educação erguida em pilares impregnados pela racionalidade instrumental. Esse modelo técnico-educacional acompanha o pensamento sobre escola e a própria formação de professores, de forma a contribuir para a proletarização do trabalho docente. Em alguns casos, esse modelo educacional tem contribuído a partir da implantação de programas curriculares que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos. Tal modelo atribui aos professores à característica de técnicos especializados em explicar os conteúdos a partir de manuais, buscando soluções para determinados “defeitos de fábrica”.

O racionalismo instrumental, quando embasa a organização curricular, contribui para a construção de receituários aplicáveis pelo professor. Isso é entendido por Giroux (1997) como um processo de redução da autonomia do professor, ou seja, um currículo que precisa apenas de um aplicador de conteúdo.

A crítica tratada pelo autor sobre o modelo formativo técnico-instrumental, aponta que o professor apresenta dificuldades de construir um pensamento avançado sobre a sua prática educativa, baseada na reflexão crítica sobre o seu trabalho docente. “O ponto é que os programas de treinamento de professores, muitas vezes, perdem de vista a necessidade de educar os alunos para eles examinarem a natureza subjacente dos problemas escolares” (GIROUX, 1997, p. 159).

O processo formativo do professor também está relacionado aos conhecimentos adquiridos e construídos após a sua formação inicial, configurando uma etapa que se estende por todo o exercício profissional até o final da carreira. Para Garcia (1998) a formação de professores é um *continuum*, não se deve pretender que a formação inicial ofereça “produtos acabados”, mas sim vê-la antes como uma fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento docente.

A formação continuada é como um processo dinâmico que possibilita, ao longo do tempo, que o professor possa adequar sua formação às exigências de sua prática educativa, em busca de uma identidade docente, que favoreça a uma condição profissional que de conta não apenas do conhecimento técnico-científico, mas, também, do domínio do conhecimento pedagógico geral, “[...] domínio dos princípios pedagógicos genéricos comuns às várias disciplinas e que se manifestam na maneira como o professor organiza e gera as atividades de sala de aula” (ALARCÃO, 1998, p. 103).

O professor deve estar ciente de seu conhecimento, mas este não pode ser usado como uma arma contra os educandos. O conhecimento exigido no processo ensino-aprendizagem é decorrente do conhecimento do professor e da sabedoria de instigar a produção do conhecimento do aluno. (FREIRE, 1996).

A proposta de educador progressista abordada por Freire (1987) está centrada também na ética do exemplo. “Daí, então que uma das minhas preocupações centrais deve ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo” (FREIRE, 1996, p. 108). O autor se refere ao comprometimento docente em relação à educação. O professor deve estar debruçado no seu papel e, para isso, deve compreendê-lo. O reflexo desse ato docente está também na presença do respeito e da consideração daquilo que se faz como referência aos alunos.

Esse exercício está centrado na compreensão de que é necessário um avanço em relação ao ato mecanicista de ensinar. A educação necessita de uma visão crítica como intervenção no mundo. Freire (1987) deixa bem claro que esta intervenção não pode se tornar uma massa de manobra para qualquer partido ou ideologia política. É dever do professor abordar a realidade, mas também deixar que as opções de decisões sejam tomadas pelos estudantes. Neste caso, ninguém educa ninguém, e nem a si mesmo, os homens se educam mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1987).

Tardif e Lessard (2009) discutem um entendimento de que a docência é um trabalho parcialmente flexível. Existem tarefas muito bem-delimitadas quanto a tempo e função, que são determinadas pela organização escolar. Outras tarefas são variantes de acordo com as condições que se estabelecem na relação com o trabalho (reuniões, encontros com os pais, preparação de aulas, correção de provas, etc.). Essa organização do tempo na escola está associada a uma rede complexa de relações sociais, pois os tempos destinados para as tarefas socioeconômicas fora da escola determinam e são determinantes da organização escolar.

O professor, além de estar submetido ao tempo, é responsável por diversas atividades que vão além do ensino-aprendizagem. O trabalho docente também está relacionado aos aspectos burocráticos da sala de aula (organização da turma, acordos com os alunos, organização dos planos de atividades) e, muitas vezes, aos da escola como instituição (atendimento aos pais, tarefas extraclasse, festividades, etc.). Para atender à prática educativa do professor, é necessária uma análise de toda a rede de relacionamento à qual o professor pertence. Ampliar a visão sobre o trabalho do professor é entender o que se passa na vida profissional e pessoal deste sujeito.

Entender o trabalho docente é compreender as diferentes manifestações em relação aos tencionamentos de poder; é interessante observar que os professores trabalham em organizações complexas, que funcionam com diferentes grupos e agentes. Portanto, o trabalho é mais integrado a um conjunto que necessita de negociações e transações para que todos exerçam suas funções.

3.3.Desenvolvimento Docente e Construção da Identidade do Professor

Para compreender o processo de construção e desenvolvimento docente me apoio em Huberman (1995) onde aponta que a carreira docente não é algo linear, pois, para alguns professores, há patamares, regressões, becos sem saída, avanços e descontinuidades. Para esse autor, o fato de encontrarmos sequências não impede que muitas pessoas nunca deixem de buscar o conhecimento sobre a sua realidade educacional, ou que nunca se estabilizem profissionalmente, ou que se desestabilizem por razões de ordem pessoal ou profissional. Os sentimentos que acompanham o desenvolvimento docente do professor não apresentam relação com a idade cronológica do sujeito, mas sim com a experiência que é significativa para ele. A aproximação do professor com a sua prática educativa corrobora para o desenvolvimento sobre o trabalho docente.

Huberman (1995) e Gonçalves (1995) apontam o início da carreira docente como a “fase de entrada”, fase no qual são destacados dois estágios: o de sobrevivência e o de descoberta. Para Tardif, (2005), Nóvoa (1995) e Gonçalves (1995), a sobrevivência é conhecida como choque com o real, o professor encontra todos os problemas, preocupações, anseios e dúvidas da carreira docente. A sobrevivência corresponde aos sentimentos que caracterizam o distanciamento entre o ideal e o real, decorrente da dificuldade de compreender a práxis pedagógica. Esse sentimento de sobrevivência é alimentado pelo distanciamento entre os saberes curriculares aprendidos nas disciplinas na formação inicial e as possibilidades de “colocar em prática” tais conhecimentos no contexto escolar. A problemática em questão está, por um lado, no currículo que distancia a formação inicial da realidade escolar e, por outro, na compreensão sobre o objeto a ser estudado nessa fase de desenvolvimento acadêmico.

Contudo, existem aqueles docentes cujas dificuldades são amenizadas, pois se mostram “preparados” para o exercício de suas práticas educativas. Sendo assim, no período de entrada na carreira, Gonçalves (1995) observa um segundo momento, que recebe o nome de descoberta. Neste, o professor passa a sentir todo o entusiasmo de exercer a sua profissão docente. Esse entusiasmo é decorrente das experiências adquiridas a partir do processo de socialização docente, ao colocar em prática todo o conhecimento construído na formação inicial. Tudo isso somado à responsabilidade de

ser regente de um grupo de alunos e ao fato de sentir-se colega de um determinado corpo de trabalhadores.

Para Gonçalves (1995) e Huberman (1995), o acúmulo de experiências que os professores adquirem com a prática educativa, possibilita a construção de maiores interesses na responsabilidade durante o ato de ensinar. A construção de um repertório de ações que alimenta o trabalho do professor (pedagógico e administrativo) apoia uma situação de estabilização profissional, caracterizado pelo encontro do professor com a sua independência docente.

Dessa forma, o professor assume toda a sua competência docente e passa a reconhecer-se como tal. Juntamente com isso, surge a segurança e a descontração, quando os professores não possuem o medo de demonstrar suas fraquezas e deixam-se conduzir e explorar situações inéditas. Gonçalves (1995, p. 164) ainda observa que, nesse período, os “pés” se acentuam no chão, “[...] a confiança foi alcançada, a gestão do processo de ensino-aprendizagem conseguida e a satisfação e um gosto pelo ensino afirmam-se [...]”. Huberman (1995) ainda contribui ao observar que o fato de estar à vontade no plano pedagógico traz mais segurança e descontração, pois deixa de existir alguém que policia as ações e os acontecimentos, gerando mais tranquilidade em realizar um trabalho educacional.

Após estarem já estabilizados na carreira docente, os professores passam a diversificar seus métodos e suas ações, construindo os próprios caminhos pedagógicos. “As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc.” (HUBERMAN, 1995, p. 41). Nessa fase da vida docente, os professores mostram-se mais motivados, flexíveis, seguros dos seus atos, buscam a ascensão pessoal e futuros cargos administrativos (HUBERMAN, 1995).

Em contrapartida, na mesma fase há uma crise de consciência, pois o professor que não passa por uma atividade inovadora significativa desenvolve uma sensação de rotina, que é progressiva. Huberman (1995, p. 43) esclarece que “[...] as pessoas examinam o que fizeram de sua vida, face aos objetivos ideais dos primeiros tempos [...]”.

Huberman (1995) revela que, com frequência, o sentimento perante os professores é mutável, ou seja, no início da docência, os estudantes o observavam como um irmão mais velho, mas agora o encaram como um pai. Os professores reduzem a sua preocupação com a prática educativa, isto é, seguros de um repertório pedagógico bem definido, direcionam suas atividades diárias para a família. Gonçalves (1995) ainda observa que essa fase caracteriza-se por uma calma decorrente do distanciamento afetivo. “A satisfação pessoal de saber o que se está a fazer, acreditando-se que se está a fazer bem, confunde-se já, por vezes, com um certo conservadorismo” (GONÇALVES, 1995, p. 165).

É nesse sentido que o conservantismo e as lamentações apresentam-se como a fase dos rezingões, a qual é caracterizada pelas queixas dos professores geralmente mais experientes. Esses sentimentos são consequência das mudanças no cotidiano, do comportamento dos alunos e da conduta profissional de seus colegas mais jovens (HUBERMAN, 1995).

Gonçalves (1995) destaca mais uma vez algumas divergências dentro dessa fase do desenvolvimento docente. Enquanto alguns professores parecem renovar o seu interesse pela escola e pelos estudantes, mostrando-se entusiasmados e desejando continuar a aprender coisas novas, outros demonstram cansaço, saturação e impaciência na espera pela aposentadoria e, sobretudo, não se sentem capazes de ouvir e “aguentar os alunos”.

Mizukami (1996) observa que os professores demonstram que sua experiência conduz a um modo de dar aula que, com frequência, é próprio, de maneira que o acúmulo de sugestões facilita o desenvolvimento docente e conduz a uma melhor atuação docente. Sendo assim, aprender a ensinar constitui um processo que perpassa o percurso docente dos professores, mesmo após a consolidação profissional.

4. DECISÕES METODOLOGIA

Nesta seção, serão abordados os caminhos escolhidos para responder o seguinte problema de pesquisa: Como uma professora de Educação Física de uma escola da rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC constrói a sua prática educativa com base no processo de socialização entre o trabalho docente e o emaranhado da cultura escolar?

Para responder essa problemática de estudo, o projeto tratará de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva de uma escola de educação básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC. Segundo Triviños (1987), a pesquisa exploratória visa aprofundar estudos em uma determinada realidade buscando maiores conhecimentos, já o caráter descritivo deste tipo de estudo reside na necessidade de compreender determinadas características do problema da pesquisa, como a cultura escolar aliada ao processo de socialização docente interfere na a pratica educativa dos professores de educação física, os conhecimentos construídos com alunos, o processo de socialização docente.

4.1.Palcos de Investigação

O campo de investigação desse estudo trata-se de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC junta a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (SME). A SME, até o ano de 1985 era órgão da Secretaria de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social. Em dezembro, mais precisamente no dia 27/12/1985, pela Lei nº 2.350 a SME foi desmembrada deste órgão, passando a ser Secretaria Municipal de Educação e, em consequência, foi criado um Cargo de Secretário Municipal de Educação, um Cargo de Assessor Técnico e um Cargo de Secretária, do Secretário.

A SME possui como missão promover educação de qualidade que contribua para o exercício pleno da cidadania, estabelecendo relações democráticas e participativas. Sua visão é ser referência Nacional no Ensino Público².

² Informações retiradas do site da SME

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?pagina=home&menu=0>, acesso dia 25 de fevereiro de 2018.

Como propostas para os próximos dez anos, foi elaborado no ano de 2010, o Plano Municipal de Educação, o PME. Em 2015 saiu uma versão preliminar do documento revisado. O PME trata do conjunto da educação, no âmbito Municipal, expressando uma política educacional para todos os níveis, bem como as etapas e modalidades de educação e de ensino.

O Plano Municipal de Educação é resultado de um trabalho participativo, entre representantes do Poder Público Municipal e instituições Não-Governamentais ligadas à Educação, visando adequar às metas em vigência, ao Plano Nacional de Educação, em cumprimento a Lei Federal nº 13.005, publicada em 25 de junho de 2014.

Desta forma, o PME aborda alguns aspectos norteadores:

A elevação global do nível de escolaridade da população de Florianópolis; a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; a redução das desigualdades sociais e regionais, no tocante ao acesso e à permanência, na educação pública; e a democratização da gestão do ensino público nos estabelecimentos oficiais (PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2010, p.09).

O Plano Municipal de Educação de Florianópolis (Lei nº 379/2010) precisa ser alinhado ao plano estadual e nacional, integrando as políticas já definidas no âmbito da União e Estado, no sentido de reafirmar os compromissos debatidos e definidos pela Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010 e 2013), baseados nos princípios do respeito aos direitos humanos, à sustentabilidade socioambiental, à diversidade, à inclusão e à valorização dos profissionais que atuam na educação. Além de assumir compromissos históricos com esforço de eliminar as desigualdades no país, e reafirmar o acesso à permanência com qualidade e o sucesso para todos no sistema educacional. O Plano Municipal de Educação faz um diagnóstico da educação pública municipal e traça algumas metas e estratégias para seu cumprimento e realização.

4.2.Participante da pesquisa

A colaboradora dessa pesquisa foi uma das professoras de Educação Física de caráter efetivo que ministra suas aulas para os anos finais do ciclo de escolarização, e que aceitou participar espontaneamente da pesquisa proposta. Conforme Neto (2010) a participação espontânea dos colaboradores da pesquisa contribui com o volume e veracidade dos dados de campo. Ao aceitarem participar da pesquisa comprovam na sua subjetividade a importância atribuída ao tema e problemática de pesquisa. O colabora-

dor desta pesquisa (professor de Educação Física) assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, que destaca os objetivos da pesquisa e os procedimentos de coleta de dados. O nome da colaboradora foi alterado por outro fictício, que corresponde a “BRUNA” com a intenção de manter os aspectos éticos da investigação e o anonimato dos dados.

4.3.Procedimentos para Obtenção das Informações

Para o desenvolvimento desta investigação, foram utilizados diferentes instrumentos de pesquisa a fim de alcançar o objetivo do estudo (entrevista, observação, diário de campo e análise documental).

O tempo de permanência no campo de investigação foi determinado por meio de um turno semanal para permanência na instituição de ensino, contemplando 1 mês de coleta de dados. Esse período incluiu a observação das rotinas da escola, das aulas de educação física, e conversas para obtenção de informações com os sujeitos da comunidade escolar.

a) Entrevista: Como uma forma de escutar as experiências da colaboradora para responder o problema de pesquisa, foi utilizada uma entrevista semiestruturada que “[...] valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1987, p. 45).

A entrevista semiestruturada conforme Negrine (2010) contribui ao observar que ela (entrevista semiestruturada) permite maior flexibilidade à conversa, uma vez que o entrevistador tenha claras as informações que serão importantes para o seu estudo. Ao mesmo tempo proporciona maior liberdade ao colaborador e aponta aspectos que sejam relevantes para o tema que é pesquisado. O registro da entrevista foi realizado em gravador digital, cujo conteúdo foi transcrito e devolvido para o colaborador (professor de educação física), com o objetivo de validar o conteúdo e dar prosseguimento ao processo analítico. A entrevista foi agendada previamente e realizada na própria escola.

b) Observação: Dentre as técnicas de coleta de informações a observação participante é uma ferramenta de extrema importância para a pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987). Para

Lakatos e Marconi (1996, p. 79), “[...] a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em economizar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Cabe ao pesquisador, além da condição do uso dos sentidos com vistas a perceber a realidade e as interações pessoais ser o mediador entre as informações da coleta e o emprego os instrumentos ao longo de todo o processo de investigação, onde a observação participante consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, aqui no caso o contexto escolar. Negrine (2010) aponta a importância de uma espécie de treinamento, principalmente para o pesquisador iniciante. Este momento busca exercitar uma descrição densa do que foi observado, porém com registros que não estejam contaminados com juízos de valores que podem prejudicar as análises dos dados. “A observação de uma determinada situação quanto mais descritiva for, mas saudável se apresenta ao momento seguinte, isto é, momento de análise das informações” (NEGRINE, 2010, p. 65).

Além disso, entendemos que a presença de um “estranho” nas rotinas da escola, justificam as possíveis alterações nos comportamentos dos sujeitos. Diante disso, busquei nos primeiros momentos me aproximar da professora de Educação Física afim de amenizar o impacto causado pela minha presença naquele contexto. Contudo pude enxergar no início das observações que o professora demonstrava um certo desconforto, aparentava sentir-se incomodada com a presença de um “estranho” observando e analisando as suas aulas. Com isso busquei tranquiliza-la discutindo sobre o trabalho que eu estava realizando, e que não haveria necessidade de sentir-se julgado ou “fiscalizado”, pois a minha tarefa como pesquisador era de observar e identificar certos fenômenos que pudesse auxiliar a responder meu problema de pesquisa, e que minhas observações estariam longe de um juízo de valor. Além disso busquei assegurar a professora que sua identidade seria mantida de forma sigilosa, como também o nome da escola na qual atua.

c) Diário de Campo: O diário de campo consiste no documento em que o pesquisador registra todas as informações que permeiam o processo de investigação, a partir da negociação de entrada nas escolas, até as peculiaridades e curiosidades do ambiente estudado.

Sobre o diário de campo Triviños (1987, p. 157) aponta que:

[...] cada fato, cada comportamento, cada atitude, cada diálogo que se observa pode sugerir uma ideia, uma nova hipótese, a perspectiva de buscas diferentes, a necessidade de reformular futuras indagações, de colocar em relevo outras, de insistir em algumas peculiaridades.

Nesse mesmo sentido Bogdan e Biklen (1994) observam que depois da volta de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador descreva, preferencialmente, em formato de texto o que aconteceu. O gravador não capta a visão, os cheiros, as impressões e os comentários extras, ditos antes e depois da entrevista. (BOGDAN; BIKLEN 1994).

Conforme se iniciava as observações no contexto escolar, procurou-se descrever em uma folha de papel os fenômenos e impressões que se notava no cotidiano da escola, transformando muitas vezes os “achados” em palavras chaves, elencando tópicos e descrevendo as observações de forma sintética, afim de assegurar um registro que pudesse elucidar a memória no momento de transcrição desses relatos para um diário de campo, construído de forma mais contextualizada. Além disso foram observadas e registradas as atividades desenvolvidas pela professora, com o objetivo de compreender os conhecimentos que são construído nas aulas de Educação Física, destacando elementos que possibilitasse enxergar este fenômeno.

d) **Análise Documental:** Para a análise documental foram utilizados o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) e a Proposta Curricular do Município de Florianópolis do ano de 2016.

4.4. Processo de Análise das Informações

O processo analítico ocorreu por meio da triangulação dos dados, para justificá-lo me aproximo de Triviños (1987) ao observar que a pesquisa qualitativa não estabelece separações rígidas entre a coleta de informações e as interpretações das mesmas. O autor afirma ainda, que o pesquisador ocupa um lugar proeminente no estudo, onde é privilegiada a dimensão subjetiva, favorecendo a análise dos dados com maior flexibilidade. A análise das informações, a partir da técnica de triangulação, tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição e compreensão do foco do estudo. De acordo com Molina Neto (2010, p. 132): “A triangulação impede a aceitação das impressões iniciais e, dessa forma, tanto a técnica da triangulação das fontes como a técnica de co-

leta processam simultaneamente uma vez iniciada a pesquisa”. Ao estudar o professor numa determinada rede organizacional é importante compreender a complexidade que está posta. Para isso, Triviños (1987) propõe estudar primeiro o processo e produtos centrados no sujeito e, em segundo, os elementos produzidos pelo meio do sujeito. Em terceiro, estudar os processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro organismo social no qual está inserido o sujeito.

Diante disso, passa-se a apresentar as categorias que emergiram do processo analítico, procurando desenvolver uma análise da relação entre a organização escolar e a prática educativa do professor, explicando o desenvolvimento e a construção da prática educativa de um professor da rede municipal de Florianópolis-SC por meio de observações realizada nas aulas de Educação Física e do contexto escolar em geral, interligando essas observações com as fala da professora. Neste momento aparecerão recortes dos encontros com as informações, destacando trechos da entrevista realizada com a professora, e informações recolhidas do diário de campo.

5. CATEGORIAS ANALÍTICAS

Os dados coletados foram analisados a partir dos objetivos específicos do estudo. Estes compuseram o processo de construção de duas categorias analíticas: O Percurso da Professora de Educação Física no Processo de Socialização Docente e Conhecimentos e Caminho da Prática Pedagógica da Professora de Educação Física. Estas categorias analíticas foram organizadas a partir da eleição de unidades de significado e debatidas com o referencial teórico que acompanhou todo o processo da pesquisa.

5.1.O Percurso da Professora de Educação Física no Processo de Socialização Docente

Procuo nesta categoria, apresentar o percurso da professora de Educação Física, traçando relatos desde a sua trajetória na formação inicial do curso de graduação até o momento de constituição na carreira docente. Neste sentido, nos apoiamos em Perez Gómez (2001, p. 13) ao relatar que “[...] cada pessoa possui raízes culturais ligadas à herança, à memória étnica, constituídas por estruturas, funções e símbolos, transmitidos de geração em geração por longos e sutis processos de socialização.” Mas ainda ressalta-se que a imersão em uma determinada cultura não acontece passivamente, o sujeito socializado envolve-se ativamente ao longo de um processo dialético de construção e reconstrução de sua realidade.

Pensamos em construir um movimento reflexivo no campo do estudos culturais compreendendo as relações do sujeito com o seu cotidiano como elemento central na construção da sua identidade docente. Para isso recorreremos a Berger & Luckmann (2012), Perez Gomez (2001) e Freire (1996) para refletir no campo teórico o processo do tornar-se professor a partir do capital de experiências que tangem o cotidiano do sujeito.

Como ponto inicial buscamos entender como foi que a Educação Física entrou na vida da Professora Bruna, suas experiências como estudante e as relações que a fizeram optar por essa carreira.

Eu sempre gostei de educação física na escola, sempre fui uma pessoa muito ativa, e quando eu estava no ensino médio eu comecei a fazer academia, e a partir daí eu aca-

bei gostando e me identifiquei, e aí eu resolvi fazer o vestibular e pensei que era isso que eu gostaria de fazer da minha vida [...] (Entrevista com a professora Bruna).

Na fala da professora observa-se que a intenção em cursar a graduação de Educação Física, residia no gosto da prática de exercícios físicos voltados para o universo das academias de ginásticas e musculação. Podemos ampliar a discussão, compreendendo que o processo de construção identitária do docente, afeta diretamente o desenvolvimento da sua prática pedagógica.

Para Figueiredo (2008) as experiências construídas nas aulas Educação Física e fora dela são referências fundamentais para os alunos que ingressam no curso de graduação, e que esse fator pode ser influenciado pela promoção de experiências positivas decorrente de uma demonstração de aptidão e interesse por determinadas práticas. A autora identifica uma série de experiências relatadas pelos estudantes participantes da pesquisa, que influenciaram na opção em cursar Educação Física. Muitas dessas experiências apresentam-se fortemente associadas com uma concepção de Educação Física que é vista sob a ótica do esporte, da atividade física e da saúde, compreendendo que a escolha do curso de Educação Física representa a prática de atividades nas quais o aluno já teve ou ainda vai ter a possibilidade de experimentar.

Para esclarecer melhor este aspecto, foi destacado um trecho da entrevista em que pergunta-se a professora se durante a graduação, ela haveria tido alguma intenção em seguir a carreira docente como professora de Educação Física Escolar.

[...] eu fiz a faculdade toda a princípio visando em não dar aula em escola, por que eu sou formada em licenciatura plena. (Entrevista com a professora Bruna).

Observa-se que no período que decorreu a formação da prof^a Bruna, o curso de graduação em Educação Física constituía-se na forma de licenciatura plena. Que de acordo com Figueiredo (2008) possibilita dialogar com a noção de que, as experiências carregadas pelo indivíduo influenciam as ações, interações e escolhas do acadêmico, possibilitando que o estudante filtre o conhecimento curricular mais condizente com a sua trajetória, privilegiando o que mais lhe interessa durante o processo de formação. O que evidencia-se na fala da professora Bruna ao perguntar sobre sua trajetória como estudante do curso de Educação Física.

Eu me formei na Universidade Luterana na ULBRA em Canoas no Rio Grande do Sul, e a minha trajetória na educação física como eu fazia educação física plena, eu fazia muitas cadeiras ligada ao esporte, algumas de didática outras mais ligadas a questões de aprendizagem, mas a maioria foi entre elas as optativa ligadas a treinamento, musculação, além das obrigatórias que são da licenciatura ligadas ao ensino. (Entrevista com a professora Bruna).

Diante disto, compreende-se que o processo de formação inicial, no qual se inseriu a professora Bruna, favoreceu um direcionamento da sua formação para uma concepção de Educação Física voltada a dimensão do campo esportivo, da atividade física e da saúde. Elementos que fazem parte do escopo de perspectivas da constituição histórica da área, e que ainda hoje, encontram-se predominantemente associados ao curso de Educação Física, tanto no curso de bacharel, como na licenciatura.

Para Freire (1996), formação inicial é uma fase na qual o professor deve adquirir o conhecimento necessário para se assumir como sujeito da produção de conhecimento. Para o autor, ensinar não é transferir, mas criar possibilidades para a produção coletiva do saber. Neste sentido, observa-se que o professor em formação está cada vez mais próximo da realidade escolar, vivenciando condições materiais e sociais concretas, nas quais se desdobra a sua prática educativa. Giroux (1997) aponta que uma formação inicial apoiada em pilares positivistas, amparados na razão instrumental é fonte de uma construção distante da realidade da escola. Uma formação que não faz o debate com a cultura da escola, com o contexto.

Prosseguindo sobre o percurso da professora Bruna durante o processo de formação inicial, identifica-se na fala a seguir alguns elementos que compreendem a falta de interesse em trabalhar com educação física escolar.

E acabei me formando e ao longo do curso eu não pensei em dar aula em escola, não era o meu objetivo, e ai no final da faculdade tem os estágio obrigatórios e ai eu fui fazer meu estágio em academia, fiz também o estágio em ginastica laboral e fiz também o estágio na escola, que era obrigatório também, e digamos que foi um choque de realidade no primeiro momento, onde vai pra uma escola onde não tinha boa estrutura, tinha um quadra pequena e com péssimas condições de uso, sem materiais e tudo mais [...] eu não tinha tido contato até então em uma escola, e fui ter esse contato já quase no final da faculdade, então fiquei meio assim, a princípio ainda não pensava em dar aula na escola. (Entrevista com a professora Bruna).

Por meio fala da acima, observa-se que sua inserção na escola ocorreu efetivamente no final da graduação, e a experiência que acompanhou esse evento, acarretou uma impressão negativa, o que entende-se por decorrência de uma série de condições existente na realidade das escolas públicas.

Carreiro da Costa (1994) aponta que o período da formação inicial, aquela realizada durante a permanência na universidade como estudante, deve acarretar em mudanças significativas nas concepções sobre a prática educativa do professor. Para o autor se essa fase de formação não promover a alteração das concepções prévias sobre a escola, essas ideias irão exercer uma influência permanente e decisiva nas suas crenças, perspectivas pedagógicas e comportamentos, quando o indivíduo tornar-se professor. Além disso Nascimento (1998) aponta alguns problemas na formação inicial dos professores de Educação Física, tais como: (a) a falta de convívio intelectual e isolamento das disciplinas; (b) o frequente mal-estar no ambiente acadêmico; (c) a formação diferenciada para atuação em etapas ou níveis distintos do ensino da disciplina de Educação Física; (d) a questão da qualidade na formação inicial; (e) a fragmentação disciplinar na formação inicial; e (f) a heterogeneidade dos programas de formação docente.

Em seguida apresento trechos da entrevista referente ao percurso da professora Bruna em relação ao início da sua trajetória na carreira docente.

[...] eu me formei, e continuei trabalhando numa empresa em que eu já trabalhava, e aí eu comecei a dar aula em duas academias a noite, então eu conciliava isso, e aí quando eu sai de Porto Alegre em 2010 e vim pra cá, morar em Florianópolis eu não sabia o que fazer [...] não conseguia emprego, por que não conhecia ninguém mesmo e largando currículo dificilmente eles te chamam, aí fui trabalhar fora da área da educação física, e trabalhei durante um ano e pouco, e aí surgiu a oportunidade, em que todo mundo falava, ah, você é professora, tem o professor ACT. (Entrevista com a professora Bruna).

[...] e aí eu comecei a trabalhar [...] e comecei a pensar que eu queria uma estabilidade, já estava cansada de trabalhar de manhã, tarde e noite, foi ficando desgastante, dava aulas seguidas uma atrás da outra, o corpo vai cansando, e aí eu comecei a ter outra visão assim, e aí foi quando aconteceu, comecei a fazer os concursos pra ACT e comecei, fui aprendendo né, aprendendo a dar aula na verdade, tipo fui aprender na prática, com o tempo fui gostando, claro que tem seus dias bons e os dias nem tão bons

(risos) mas faz parte né? E fui aprendendo, a cada ano eu aprendo mais. (Entrevista com a professora Bruna).

Nota-se que percurso que insere a professora Bruna na carreira docente, ocorre devido a uma preferência de estabilidade profissional que encontra-se na área, onde os professores se efetivam por meio de concursos, ou pelo menos asseguram contratos temporários (ACTs) que preservam os direitos presente na CLT, e com isso passam a ter maior segurança em relação a carreira profissional. O que difere-se de uma inserção no mercado de trabalho voltado para a profissão de educador físico, que ao analisar a fala da professora, compreende referir-se a uma atividade profissional voltada para as academias de ginásticas e musculação, que não oferecem as mesmas seguridades e condições de trabalho que a carreira docente, além de apresentar uma certa dificuldade de empregar-se devido à falta de contatos, indicações e qualidade de currículo, como é possível identificar no relato da professora Bruna no momento em que ela muda de cidade e vem para Florianópolis, sucedendo uma atividade fora da área de formação.

Em seguida questionamos a professora sobre como decorreu o processo de início na docência como professora de EDF escolar. Procurando compreender que sentimentos e desafios acompanharam esta etapa. Que no relato da professora apresenta-se o seguinte;

[...] no primeiro momento, quando eu comecei a dar aula senti bastante dificuldade, por que na verdade eu fiz a minha faculdade não pensando em ser professor e dar aula na escola, apesar de ser licenciatura plena, no primeiro momento não foram os meus planos, então quando eu cheguei na escola, tive muitas dificuldades, só que fui bem recebida, e eu tive bastante ajuda, eu perguntava corria atrás, eu fui conhecendo as pessoas, os colegas da área, e eles diziam, ó faz isso ou aquilo, me emprestavam o plano de aula pra eu dar uma olhada, ver como que funciona, me indicavam livros pra ler, então me senti bem acolhida, mas em relação a estrutura da escola essa escola tem uma estrutura muito boa, não posso reclamar, tem quadra, tem ginásio, tem material, o que eu peço pra comprar as vezes demora um pouco e tal, tenho um pouco de dificuldade em relação a isso, mas depois vem, mas claro teve também outros lugares que não tinham as mesmas condições, trabalhei em uma creche por exemplo, que eu tinha que dar aula em sala de aula, por que não tinha espaço pra fazer aula de educação física, não tinha estrutura, a escola ficava no morro, era um lajão. (Entrevista com a professora Bruna).

Por meio do fala expressa pela professora Bruna me apoio em Wittizoreck (2001), onde a vinculação com as contradições que os professores enfrentam, as contingências e o caráter dinâmico de eventos, comportamentos e representações do universo escolar, contribuem para que o professor tenha noção real do que lhe espera no ingresso na carreira docente. Marcelo Garcia (1998) ainda observa que a formação de professores é um *continuum*, não se deve pretender que a formação inicial ofereça “produtos acabados”, mas sim vê-la antes como uma fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento docente.

5.2. Conhecimentos e Caminho da Prática Pedagógica da Professora de Educação Física

Esta categoria busca responder os seguintes objetivos de pesquisa: Identificar e compreender quais conhecimentos são construídos nas aulas de Educação Física; Discutir as decisões que estabelecem os caminhos da prática pedagógica dos professores de Educação Física na Escola.

Com isso, inicia-se o debate buscando esclarecer o processo de desenvolvimento e construção da prática pedagógica da professora Bruna, em seguida procuro entender os conhecimentos que são construídos durante as aulas de Educação Física.

Ao entrevistar a professora foi solicitado para que descrevesse em termos gerais a sua aula de educação física, partindo da reflexão sobre a sua aula e o seu trabalho docente, possibilitando o encontro de algumas informações a respeito de sua prática educativa. A professora inicia descrevendo a relação das escolhas dos conteúdos que são pensados para construir uma aula de EDF.

[...] em relação as escolhas dos conteúdos desde o ano retrasado, a gente vem junto com os professores da rede de Florianópolis de Educação Física, ajudando a pensar numa proposta curricular para educação física, e esse ano a gente começou... a gente tem formações, a gente discute muito, conversa muito sobre isso, i... desde o ano passado a gente começou a botar em prática [...] Veio impresso e tudo, a gente até ajudou a elaborar, foi muito legal, i... esse ano a gente começou a botar em prática a ... proposta curricular mesmo [...] o meu planejamento é feito em cima disso né, dessa proposta curricular, e em cima da proposta eu vou elegendando os conteúdos, e claro, de acordo com a realidade também né? (Entrevista com a professora Bruna).

A colaborada destaca o aspecto da formação continuada que se deu em toda a rede através de discussões e conversas coletivas com os pares, com isso é possível compreender que o planejamento das suas aulas de educação física é orientado pela Proposta Curricular da Rede Municipal de Florianópolis.

A fala mostra a presença do trabalho coletivo dentro do RME de Florianópolis, cujo o protagonismo dos professores contribuiu para construir a proposta pedagógica do município. Tardif (2009) destaca que o trabalho docente tem características distintas, embasadas na forma como os órgãos “superiores” reconhecem o fazer pedagógico. O Autor destaca que o trabalho anárquico é uma forma de pensar a organização curricular escolar, entendendo ser possível dentro da escola a realização de um movimento que possibilita a construção do fazer docente pelos próprios sujeitos que passam a se reconhecer na cultura escolar. Um formato antagônico ao trabalho burocrático (TARDIF, 2009), pensado e construído por sujeitos distantes do cotidiano da escola. Uma perspectiva que aliena o docente e o faz reproduzir conteúdos que não conseguem ter representatividade no corpo discente e docente.

A seguir é possível perceber que a eleição dos conteúdos muitas vezes sofre influência de condições estruturais e materiais presentes na escola, um fator importante para compreender a construção da prática educativa do professor de Educação Física.

[...] eu planejei pra turmas o conteúdo de tênis e outros esportes diferenciados, porém não nesse momento por questão de falta de materiais né? Então a gente tem mais isso, tem que planejar as aulas conforme a estrutura que eu tenho no momento né? Se eu tenho quadra, se eu tenho material, é... então eu vou planejando em cima disso né? (Entrevista com a professora Bruna).

Embora reconhecemos nas falas a presença do protagonismo da professora na construção curricular para a disciplina na rede municipal, a fala acima mostra o quanto a proposta pedagógica é normativa para o cotidiano do professor. Ou seja, ao reconhecer que esse ano existe uma tentativa de “colocar em prática” a proposta, a professora se apropria do documento para embasar burocraticamente o seu trabalho pedagógico. São contradições que esbarram no entendimento de que a professora reflete sobre o seu fazer docente, pois a constituição do processo de seleção dos conteúdos demonstra a reflexão sobre a sua prática. Uma reflexão crítica que analisa as possibilidades de tratar determinados conteúdos a partir da realidade da escola.

A seguir, procura-se entender a relação da professora Bruna com os alunos no trato com o conteúdo tematizado, perguntei de que forma era apresentado os temas e conteúdos propostos nas aulas de Educação Física.

[...] eu explico pra eles ó, no início do ano eu falei, ó pessoal esse primeiro trimestre [...] nós vamos trabalhar esse, esse e este conteúdo, e então... vai ser esses conteúdos a serem trabalhados no primeiro trimestre, no segundo outros conteúdos e no terceiro outros, então eu chego em sala, eu falo ó, é... vamos trabalhar tal conteúdo, hoje o objetivo da aula são esses, explico quais os objetivos que a gente vai trabalhar naquele dia, explico as atividades que vamos fazer e em seguida a gente vem pra quadra e aí fazemos as atividades propostas, i... depois eu pergunto pra eles né? Pra ver se eles entenderam quais eram os objetivos, ou se não entenderam [...] as vezes eu faço o feedback com eles na outra aula, na próxima aula, no início da aula que é mais fácil as vezes do que reunir todo mundo no final da aula [...](Entrevista com a professora Bruna).

Além de eleger os conteúdos a serem trabalhados em cada trimestre observa-se a seguir, que a professora dialoga com os seus alunos possibilitando uma construção de aula democrática, valorizando as escolhas dos alunos em relação aos seus gostos e desejos por determinados conteúdo da Educação Física.

[...]passei esse ano uma folha pra eles, uma folha pra cada turma, é... eles falando pra mim o que eles gostam ou gostariam de fazer na aula de educação física, e em cima do que eles gostariam de fazer eu planejo as minhas aulas e vou inserindo o que eles pediram também, então... eu vou conversando com eles, as veze eles pedem, haa professora, tal coisa, é... vamos fazer tal coisa, aí dependendo da relação com o que foi proposto na aula, a gente tenta naquele momento ou em outro é... inserir aquilo que eles estão pedindo também. (Entrevista com a professora Bruna).

Essa possibilidade de intervenção dos alunos na opção da temática de aula a ser trabalhada confirma-se em uma observação descrita no diário de campo, que numa aula ministrada para o 9º ano a professora Bruna propõem como conteúdo o futsal, e ao me aproximar, ela comenta a respeito da aula e diz que no seu planejamento estava previsto o ensino do conteúdo de basquetebol, mas devido a uma interdição do ginásio da escola a aula teve que ser realizada na quadra externa onde não há cestas de basquetebol, algo que poderia ser adaptado mas de acordo com a professora por decorrência de um pedido da maioria dos alunos pelo futsal, foi decidido por ela uma mudança no planejamento.

Em seguida busco identificar os avanços que a professora Bruna evidencia no seu trabalho pedagógico com os seus alunos e quais mudanças significativas ela observou durante seus três anos de docência na escola?

Assim os avanços que eu via assim, quando eu entrei[...] os alunos vinham pra aula de qualquer é.. com qualquer roupa, é... de chinelo, de jeans, de sandália, então isso eu fui trabalhando com eles né? É.... criando essa visão de que é importante, ter que vir de tênis, vir com uma roupa adequada, pra ter mais segurança, pra evitar de se machucarem e pra facilitar a participação deles nas aulas, é... eu fui explicando né? Então eu cobro, eu tenho tabela, então mesmo, hoje em dia, muitos se cobram, haa fulano não veio.. ou eles mostram, olha professora hoje vim com a roupa adequada, e outros muito vem e trocam na hora, vão lá e trocam a roupa, então foi uma coisa que eu fui construindo com eles assim.. foi um processo e que hoje eu tenho um bom resultado. (Entrevista com a professora Bruna).

Por meio das observações realizada nas aulas de Educação Física, foi possível evidenciar que a cobrança pelo uso de calçado adequado tornava-se muito frequente. Em sete aulas observadas, presenciou-se pelo menos em três aulas a cobrança por parte da professora na exigência do uso de calçado adequado. Vale ressaltar que os alunos que não apresentavam essa exigência, eram convidados a participarem da aula de uma outra maneira, normalmente auxiliando na arbitragem e no controle das atividades proposta.

Em relação aulas de Educação Física analisadas, procuro retomar as observações descritas no diário de campo buscando destacar aspectos da prática educativa do professor que esclareçam os conhecimentos que são construídos em suas aulas. O que mais chamou atenção foram os conteúdos e as atividades propostas para as turmas do anos finais. Os conteúdos presentes nas aulas de EDF eram praticamente voltados para o ensino de práticas esportivas, como futsal e basquetebol, algo que poderia entender-se por opção de uma proposta de ensino voltada pra estes conteúdos, que aliás se legitima por estar presente na Proposta Curricular, e que concerne como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, porem foi possível evidenciar no trato pedagógico desses conteúdos que a professora apresenta um estilo de aula relativamente tradicional. As atividades propostas eram construídas e desenvolvidas por meio de uma fragmentação do conteúdo, dividindo-se a turma em blocos, onde cada unidade executava uma determinada atividade de forma mecanizada e repetitiva, privilegiando o gesto motor e o ensino da técnica, favorecendo o aprendizado de determinados fundamentos da pratica esporti-

va em questão. Ao restar alguns minutos para o término de cada aula, era de costume praticar o jogo propriamente dito, seguindo sua estrutura e método tradicional, com as devidas regras e espaços utilizados.

Ilha e Krug (2009), ao iniciar um debate sobre os processos de formação de professores de educação relembra que a história da EDF no Brasil foi influenciada por movimentos como a Medicina Higienista e a Instituição Militar, movimentos que definiram a função da educação física no âmbito da prática para a promoção da saúde e da aptidão física, o que de certa forma influenciou na formação de professores de EDF e possivelmente ainda interfere, imbricando uma concepção de ensino tradicional, que trata os alunos como meros repetidores de movimentos, sem qualquer incentivo a participação discursiva em aula, proporcionando uma formação para "o saber fazer" o que influencia o desenvolvimento global do aluno e não proporciona uma educação favorável a reflexão crítica.

Para esclarecer melhor o contexto das aulas de educação Física ministradas para os anos finais do ciclo de escolarização, retomarei ao diálogo construído na entrevista realizada com a prof^a, tratando especificamente do momento em que procuro entender de que forma ela compreende a importância e a função da Educação Física Escolar. O que na fala da prof^a apresenta-se o seguinte.

Bom, eu acho que o papel... da... Educação Física..., é... trabalhar a cultura corporal do movimento né? [...] eu procuro trazer para os alunos que a educação física não é só jogar um... jogo, ou um futebol, um esporte, que é mais do que isso né? É manter relações, eles saberem respeitar um ao outro... é... a educação física é muito além do... muito ampla, tá além do esporte, do físico né? Tem um série de valores, que eu tento alias trabalhar com eles, não apenas a parte física, na questões dos valores eu friso muito, é..., cobro muito deles em relação a isso né? É.. respeitar um ao outro, a valorizar, a valorizar as aulas também, é... que eles... tem muitos né, alunos que não gostam, que são mais preguiçosos, aliás sedentários né? E... que não praticam nenhuma atividade física na escola e nem fora dela, então meu objetivo é conquistar esses alunos de alguma forma. Todos eles que... por mais que ele não vá sair da escola e não vai mais jogar um basquete, um handebol, ou alguma outra coisa que a gente faz aqui, pelo menos que ele saia daqui tendo essa experiência, essa vivência, tendo vivenciado isso, para que ele possa levar para o resto da vida dele, que atividade física está muito relacionado a saúde né, então... eu sempre procuro ter essa conversa com eles assim né? (Entrevista com a professora Bruna).

Observa-se na fala da prof^a Bruna que sua compreensão a respeito do que ela concebe sobre uma Educação Física voltada para cultura corporal do movimento, está pautada no entendimento de que o ensino da Educação Física não reside apenas na prática de determinadas atividades físicas e conteúdos esportivos, que existem uma gama de possibilidades de conteúdos favoráveis para o ensino.

Porém como exemplifica Daólio (2004).

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento humano em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAÓLIO, 2004, p.2).

Nessa linha de pensamento Ilha e Krug (2009), apresentam o surgimento de uma crítica generalizada em relação ao modelo de racionalidade técnica nos cursos de formação de professores, pretendendo conduzir novas alternativas que possibilitem a construção de futuros professores pautados numa proposta emergente de ensino, voltado para o modelo crítico-reflexivo.

A crítica tratada sobre o modelo formativo técnico-instrumental aponta que o professor apresenta dificuldades de construir um pensamento avançado sobre a sua prática educativa, baseada na reflexão crítica sobre o seu trabalho docente. “O ponto é que os programas de treinamento de professores, muitas vezes, perdem de vista a necessidade de educar os alunos para eles examinarem a natureza subjacente dos problemas escolares” (GIROUX, 1997, p. 159).

Para Contreras (2002), o professor deve se libertar e construir seu conhecimento a partir das questões educacionais que envolvem seu cotidiano. O professor precisa se apropriar das realidades sociais dos estudantes, para, através do processo crítico-reflexivo, transformar a sua realidade e compreender a diferença que faz parte da sua aula.

Assim sendo, “quando se pretende formar um aluno crítico-reflexivo, necessariamente, precisa-se formar, *a priori*, um professor crítico-reflexivo” (ILHA; KRUG, 2009 p. 88, apud LIBÂNEO, 2002).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a apresentação de nossas conclusões, entendemos ser necessário re-tomar o fato que este trabalho representa um fragmento de um estudo maior construído pelo grupo de pesquisa GPOM/NEPEF, que busca estudar o trabalho docente na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC, apoiando-se num movimento reflexivo no campo do estudos culturais, visando compreender as relações do sujeito com o seu cotidiano como elemento central na construção da sua identidade docente e do seu fazer pedagógico, através do processo de socialização constituída no emaranhado cultural da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis-SC.

Diante disso, buscou-se com este trabalho responder a seguinte questão norteadora: Como uma professora de Educação Física de uma escola da rede Municipal de Ensino de Florianópolis-SC constrói sua prática educativa com base no processo de socialização entre o trabalho docente e o emaranhado da cultura escolar? Portanto, nosso esforço analítico ocorreu através da análise das informações recolhidas por meio de entrevista e observações do contexto escolar, destacando elementos que lancem luz a compressão de tais questões.

Mas para isso, é necessário dirigir o debate a cultura escolar, compreendendo que a escola é uma instituição onde envolve distintas e inúmeras culturas. Conferindo normas, valores, capital cultural e as subjetividades dos sujeitos que a compõem. Entende-se assim, que a escola é constituída e permeada por diversos aspectos que a configura como instituição sociocultural, desde normas e regimentos, ordem e desordem, hierarquias e um sistema organizacional, e claro, pelos sujeitos sociais (professores, pais, estudantes, direção, coordenação e demais funcionários), sujeitos que agem de forma simultânea, cada qual exercendo sua função, em diferentes lugares e posições do contexto escolar.

Portanto entender a escola como construção social, implica em compreender o seu fazer cotidiano. A socialização entre os sujeitos constroem mecanismos de rotina nesta realidade de vida cotidiana, envolvido pelas relações sociais, e pelo emaranhado cultural existente no contexto educacional. Para Pérez Gómez (2001) a escola como qualquer outra instituição social, desenvolve e reproduz sua própria cultura. Ou seja, produz um conjunto de significados e comportamentos que esse contexto de ensino

aprendizagem cria enquanto instituição social. Para o autor é imprescindível “entender a escola como um cruzamento de culturas que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados”. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.12)

Partindo disso, consideramos o percurso da professora colaborada Bruna, conhecendo sua história como estudante do curso de formação em Educação Física e sua trajetória como docente, buscando entender suas escolhas e decisões que a levaram estar naquele lugar, fazendo o que faz no seu cotidiano, interpretando e reinventando um movimento de construção de sua identidade. Possibilitando-nos aprender sobre esta construção de identidade e compreender que este movimento está intimamente conectado ao desenvolvimento da sua prática educativa e de sua identidade docente.

Porém é necessário entender que cada sujeito é um sujeito, e com foi possível perceber por meio da trajetória da colaboradora, que sua inserção no campo da Educação Física residia no gosto da prática de exercícios físicos voltados para o universo das academias de ginásticas e musculação. Este aspecto nos possibilita interpretar uma influência no seu período de sua formação direcionada para uma concepção de Educação Física demarcada para o campo esportivo e para da atividade física e saúde. Como narra a professora Bruna neste trecho a seguir;

[...]a minha trajetória na educação física como eu fazia educação física plena, eu fazia muitas cadeiras ligada ao esporte, algumas de didática outras mais ligadas a questões de aprendizagem, mas a maioria foi entre elas as optativa ligadas a treinamento, musculação[...]

Observamos por meio de sua fala, que esses saberes construídos pela professora corroborou para o processo de construção de sua identidade como docente. Neste sentido como nos mostra Kaefler, Bossle, Fonseca (2016).

Esses saberes são mobilizados pelos professores que os significam e ressignificam, produzindo novos saberes com suas experiências no chão da escola. Nesse sentido, os saberes docentes são apreendidos nos cursos de graduação, nos saberes que a sociedade elencou para serem transmitidos nas escolas e na experiência que o professor vai construindo em sua prática. (KAEFER *et al.*, p. 168, 2016).

Com isso, através das observações do contexto escolar e das aulas de educação ministradas pela professora, ficou evidente que sua identidade enquanto docente e seu trato pedagógico se respalda sobre uma perspectiva de Educação Física sob a ótica do esporte, da atividade física e da saúde. Conforme Kaefler et al. (2016) os eventos que

ocorrem ao longo do percurso de cada sujeito, permite que se priorize alguns saberes em detrimento de outros, e assim, atribuem significados particulares a cada um deles. E ao eleger determinados saberes em detrimento de outros, os professores buscam se fundamentar em situação que foram vividas na escola, em sua infância e adolescência, durante a época em que eram alunos, encontrando dessa forma respaldo em seus percursos de vida.

Para Figueiredo (2008) as experiências construídas nas aulas Educação Física e fora dela são referências fundamentais para os alunos que ingressam no curso de graduação, o que reflete no direcionamento que este sujeito vai dar no período de formação, afetando estreitamente no processo de construção da sua identidade docente e no desenvolvimento da sua prática educativa.

Carreiro da Costa (1994) reflete que a formação inicial corresponde ao período durante o qual o futuro professor adquire os conhecimentos científicos ou pedagógicos e as competências necessárias para enfrentar adequadamente a carreira docente. O autor observa que, se essa fase de formação não promover a alteração das concepções prévias sobre a escola, essas ideias irão exercer uma influência permanente e decisiva nas suas crenças, perspectivas pedagógicas e comportamentos, quando o indivíduo tornar-se professor.

Giroux (1997) debate sobre a formação inicial do professor, elaborando críticas sobre a educação impregnada pela racionalidade instrumental. Esse modelo técnico-educacional acompanha o pensamento sobre escola e a própria formação de professores, de forma a contribuir para a proletarização do trabalho docente. Tal modelo atribui aos professores à característica de técnicos especializados em explicar os conteúdos a partir de manuais, buscando soluções para determinados “defeitos de fábrica”.

A crítica tratada pelo autor sobre o modelo formativo técnico-instrumental, aponta que o professor apresenta dificuldades de construir um pensamento avançado sobre a sua prática educativa, baseada na reflexão crítica sobre o seu trabalho docente. “O ponto é que os programas de treinamento de professores, muitas vezes, perdem de vista a necessidade de educar os alunos para eles examinarem a natureza subjacente dos problemas escolares” (GIROUX, 1997, p. 159).

Porém o processo formativo do professor também está relacionado aos conhecimentos adquiridos e construídos após a sua formação inicial, configurando uma etapa que se estende por todo o exercício profissional até o final da carreira. Para Garcia (1998) a formação de professores é um *continuum*, não se deve pretender que a formação inicial ofereça “produtos acabados”, mas sim vê-la antes como uma fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento docente.

Dessa maneira o professor consegue adequar sua formação as necessidades apresentadas na sua realidade escolar, promovendo uma condição profissional que não dê conta apenas do conhecimento técnico-científico, mas, também, do conhecimento pedagógico em geral.

Para esses autores mencionados a crítica é posta em relação ao ato mecanicista de ensinar. A educação necessita de uma visão crítica com intervenção no mundo.

Com isso as reflexões deste trabalho visaram proporcionar um entendimento do contexto da Educação Física, que cada vez mais vem sendo discutida e refletida na questão da formação de professores. Assim, tendo em vista a relevância dessas reflexões, procuramos compreender de que forma a professora de Educação Física desenvolve a sua prática educativa e seu trabalho docente por meio da imersão na cultura escolar e no emaranhado cultural que envolve rede municipal de ensino de Florianópolis-SC. Contudo, foi possível compreender que a prática educativa da professora Bruna pode ser caracterizada por uma concepção de ensino tradicional e que tal aspecto é decorrente do processo de formação da professora, o que constitui uma marca na sua identidade docente repercutindo na sua prática educativa enquanto professora de Educação Física Escolar.

7. REFERÊNCIAS:

- A. N. S. **A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas.** 3º ed. Porto Alegre: Sulina, p. 113 – 146, 2010.
- ALARCÃO, I. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, Ivani Dos Passos. (Org.). **Os caminhos da profissionalização do magistério.** 3ª ed. Campinas: Papirus, 1998, p 99-122.
- BERGER, P, L; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 34ª ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução á teoria e aos métodos.** Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. Lei de Diretrizes; DE DIRETRIZES, SESF Lei. Bases da educação. **Lei nº9394,** 1996.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação-PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** 2014.
- BRASIL. RESOLUÇÃO, C. N. E.; CNE, CEB. CEB nº 04/2010. **Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica,** 2010.
- BRASIL. Senado. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado,** 1988.
- CARREIRO DA COSTA, F. Formação de professores: objetivos, conteúdos e estratégias. **Revista de Educação Física/ UEM.** Maringá, v.5, n.1, p 26-39, 1994.
- CONCEIÇÃO, V. J. S. da. **A construção da identidade docente de professores de Educação Física no início da carreira: um estudo de caso etnográfico na rede municipal e ensino de Porto Alegre – RS.** Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, RS, 2014.
- CONTRERAS, J. **A Autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002.
- DAÓLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: Juarez Dayrell. (Org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS. 2015

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIGUEIREDO, Z C, C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p.85-110, jan./abr. 2008.

GEERTZ, C. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 03 – 24, 1989.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como intelectuais transformadores: rumo a uma nova pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONÇALVES, J, A, M. A carreira dos professores de ensino primário. In: NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995, p 141-169.

HUMBERMAN, M. Ciclo de Vida de Professores. In: NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995, p 31-61.

ILHA, F, R, S; KRUG, H, N. O processo de formação de professores de educação física: realidades e desafios. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 11, n. 1, p.74-95, jul./nov. 2009.

KAEFER, R. C. L.; BOSSLE, F.; FONSECA, D. G. Quando cada caso não é um caso? e quando cada caso é um caso: um estudo de casos etnográficos com professores de educação física iniciantes da Rede de Ensino de Novo Hamburgo/RS. In: Victor Julierme Santos da Conceição; Jéssica Serafim Frasson. (Org.). **Textos e contextos sobre o trabalho do professor de educação física no início da docência**. 1ª ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2016, v., p. 149-180.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3º Ed, São Paulo: Atlas, 1996.

MIZUKAMI, M, G, N. Formação de professores. São Carlos: EDUFSCar, 1996

MOLINA NETO, V. **La cultura del profesorado de Educación Física de las escuelas públicas de Porto Alegre**. 489 f. Tese (Doutorado). Programa de Doctorado “innovació curricular i formació Del professorat” Bienio 1992-1994, UB, Barcelona, 1996.

_____. Cultura Docente: uma aproximação conceitual para entender o que fazem os professores nas escolas. **Revista Perfil**. Porto Alegre. V. 2, p.66 - 74, 1998.

_____. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas e investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. 3º ed. Porto Alegre: Sulina, p. 113 – 146, 2010.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.) **Vidas de Professores**. Porto: Porto, 1995, p. 11-30.

PÉREZ GÓMEZ, A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre, ARTMED, 2001.

PIMENTA, S, G; GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 5ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2009

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WITTIZORECKI, E. **Trabalho docente dos professores de educação física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: um estudo nas escolas do Morro da Cruz**. 153 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

8. ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CENTRO DE DESPORTOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOCENTES

1) INFORMAÇÕES GERAIS

Entrevista Nº.: _____

Nome do (a) Colaborador (a): _____

Ano de Conclusão Graduação: _____ Ano de Conclusão Pós-Graduação: _____

Tempo de Trabalho Docente: _____ Tempo de Trabalho na SME: _____

Tempo de Trabalho na Escola _____ Regime de trabalho: _____

Número de horas/aulas semanais: _____

Data da Entrevista: ___/___/___ Horário de Início: _____ Horário de Término: _____

Local da Entrevista: _____ Tempo de Duração: _____

2) QUESTÕES PARA CONVERSA

BLOCO A – HISTÓRIA COMO DOCENTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA (EF)

Início no mundo do trabalho

Experiências de trabalho

Experiências docentes em escola

Escolha pela EFI

1. Há quanto tempo trabalha como professor de EFI nesta escola?

2. Comente por que você decidiu fazer curso superior de EFI - Como a EF entrou em sua vida, ou seja, por que decidiste ser professor de EFI?
3. Comente sobre as suas experiências como professor de EFI no contexto escolar -
4. Conte um pouco de sua trajetória como estudante e como docente desta escola.

BLOCO B – HISTÓRIA COMO DOCENTE NA SME

5. História de ingresso na SME
6. História na escola
7. Implantação do currículo escolar por ciclos de formação
8. Comente como foi seu ingresso na SME e principalmente nesta escola.
9. Conte um pouco a história da escola, a sua história na escola, desde quando começou o trabalho nesse local, ou seja, como viveu, construiu e constrói essa história.

BLOCO C – TRABALHO DOCENTE DE EF NA ESCOLA

Trabalho de EF desenvolvido na escola

10. Me conte, me descreva como é uma aula sua de EFI nessa escola.
11. Ao se deparar com a realidade escolar, qual o sentimento que você teve no início da docência?
12. Quais conhecimentos são construídos em suas aulas de EFI?
13. O que considera para escolha dos conhecimentos a serem desenvolvidos nas aulas de EFI?
14. Quais os avanços que evidencia em trabalhar com EFI aqui na escola, e, do mesmo modo, as principais dificuldades encontradas na realização do trabalho docente?
15. Em sua opinião, qual o papel da EFI que se realiza na escola nos dias atuais?
16. Quais os principais desafios vivenciados na prática pedagógica da EFI nesta escola dos primeiros dias de atuação até o momento?
17. Quais os principais desafios que você enfrenta na escola nos dias atuais?

18. O que mudou na sua vida profissional com o passar dos anos?
19. Como ocorrem as decisões que estabelecem os caminhos da prática pedagógica do professores de EFI na Escola?
20. Qual a contribuição dos colegas de trabalho com a sua prática educativa?
21. Esse espaço final é seu! Se quiseres comentar algo do qual não falamos. Ou, aprofundar algo do qual conversamos, ou, ainda, esclarecer alguma coisa. É um espaço aberto para falar o que quiser.

Agradeço imensamente pela colaboração. Muito obrigado!

9. APÊNDICE A – Transcrição da Entrevista Semiestruturada

Legenda:

P1 = Pesquisador 1

E1 = Entrevistado 1

P1. Bom, eu gostaria de começar entendendo um pouco de como foi a sua decisão em cursar educação física, como que a educação física entrou na sua vida?

E1. Eu sempre gostei de educação física na escola, sempre fui uma pessoa muito ativa, e quando eu estava no ensino médio eu comecei a fazer academia, e a partir daí eu acabei gostando e me identifiquei, e aí eu resolvi fazer o vestibular e pensei que era isso que eu gostaria de fazer da minha vida.

P1. Mas você já pensava em ser professora?

E1. Não, primeiro momento não, eu fiz a faculdade toda a princípio visando em não dar aula em escola, por que eu sou formado em licenciatura plena.

P1. Gostaria agora de entender um pouco da sua trajetória como estudante e como professor, pensando desde a sua trajetória na graduação até o início da docência?

E1. Eu me formei na Universidade Luterana na UBRA em Canoas no Rio Grande do Sul, e a minha trajetória na educação física como eu fazia educação física plena, eu fazia muitas cadeiras ligada ao esporte, algumas de didática outras mais ligadas a questões de aprendizagem, mas a maioria foi entre elas as optativas ligadas a treinamento, musculação, além das obrigatórias que são da licenciatura ligadas ao ensino e tudo mais, e foram 6 anos, demorei mais tempo por ser particular, demorei um pouco mais de tempo para me formar, e durante minha trajetória como estudante na universidade eu trabalhava muito durante o dia inteiro então eu não tive muita oportunidade de participar muito de monitorias, ou interagir mais entendeu? Eu só conseguia ir a noite estudar e não conseguia ir além disso, por conta do trabalho.

P1. Mas você chegou a ser bolsista, participou de algum grupo de estudos ligado à educação física?

Não, não, eu trabalhava e pagava a faculdade com o meu salário, trabalhava o dia inteiro. E acabei me formando e ao longo do curso eu não pensei em dar aula em

escola, não era o meu objetivo, então eu fui fazendo a faculdade assim, e ai no final da faculdade tem os estágio obrigatórios e ai eu fui fazer meu estágio em academia, fiz também o estágio em ginastica laboral e fiz também o estágio na escola, que era obrigatório também, e digamos que foi um choque de realidade no primeiro momento, onde vai pra uma escola onde não tinha boa estrutura, tinha um quadra pequena e com pessimas condições de uso, sem materiais e tudo mais. Então... foi o meu primeiro contato, eu não tinha tido contato até então em uma escola, e fui ter esse contato já quase no final da faculdade, então fiquei meio assim, a princípio ainda não pensava em dar aula na escola.

P1. Mas logo que você se formou, pensou ou tentou prestar algum concurso pra dar aula na escola?

E1. Não, eu me formei, e continuei trabalhando numa empresa em que eu já trabalhava ,e ai comecei a dar aula em duas academias a noite, então eu conciliava isso, e ai quando eu sai de Porto Alegre em 2010 e vim pra cá, morar em Florianópolis eu não sabia o que fazer , por que eu não conhecia ninguém, é... não conseguia emprego, por que não conhecia ninguém mesmo e largando currículo dificilmente eles te chamam, ai fui trabalhar fora da área da educação física, trabalhei durante um ano e pouco, e ai surgiu a oportunidade, em que todo mundo falava, ahh você é professora, tem o professor ACT, faz concurso, mas eu já tinha feito concurso pra professor em 2009 antes de vir morar aqui, já tinha tentado e não tinha passado, tinha tentado no Rio Grande do Sul.

P1. Pra professor efetivo?

E1. Pra professor mesmo, efetivo, e ai eu comecei a trabalhar, a pensar de repente quem sabe, comecei é a pensar que eu queria uma estabilidade, já estava cansando de trabalhar de manhã, tarde e noite, foi ficando desgastante, dava aulas seguidas uma atrás da outra, o corpo vai cansando, e ai eu comecei a ter outra visão assim, e ai foi quando aconteceu, comecei a fazer os concursos pra ACT e comecei, fui aprendendo né, aprendendo a dar aula na verdade, tipo fui aprender na prática, com o tempo fui gostando, claro que tem seus dias bons e os dias nem tão bons (risos) mas faz parte né? E fui aprendendo, a cada ano eu aprendo mais.

P1. E em termos gerais como que você enxerga, visualiza as suas experiências no contexto escolar? Pensando na sua experiência como professora dando aula de educação física.

E1. Assim.. É... Não entendi muito bem.

P1. Assim, gostaria que você falasse um pouco sobre as suas experiências no contexto escolar, pensando desde o início quando você começou a trabalhar ou até mesmo como você enxerga agora o seu trabalho, em termos gerais como é que são as experiências como professor?

E1.Foram... minhas experiências como professor foram boas, eu não sei se é por que quando eu comecei a dar aula eu peguei lugares onde eu não tinha muitos problemas, nenhum local é... eu sempre me adaptei muito rápido, e... o que eu não sabia eu corria atrás, perguntava para os outros, para os colegas que já estavam na área a mais tempo trabalhando, e assim eu fui indo né, fui me organizando fui aprendendo com o passar do tempo, e o pessoal vai falando, não é... procura esses livros pra leitura, o município de Florianópolis também tem o seu currículo, ai fui, fui aprendendo mesmo, fui correndo atrás, todos os locais que eu passei não tive muitas dificuldades, pelo contrário cada ano eu fui aprendendo mais, no começo eu trabalhava no infantil e no fundamental, então eram duas coisas totalmente diferentes, e depois também quando efetivei, continuei trabalhando por dois anos no infantil, e ai pedi remoção e vim para o fundamental pegar os anos finais, totalmente diferente, então a gente vai se adaptando conforme a situação, vai aprendendo, vai lendo vai buscando, eu estou sempre lendo buscando, tem os cursos de formação, tem os professores também, a gente vai trocando experiências né.

P1. Uhum... Certo. É... Bom é.. Agora eu gostaria de saber um pouco de como é sua história nessa escola, como foi que você chegou até aqui, quando você decidiu vim pra cá, gostaria que você contasse a sua história nessa escola, a quanto tempo você trabalha nessa escola, como você chegou até aqui?

E1.Estou aqui a 3 anos, nessa escola, eu optei em trabalhar aqui porque eu moro aqui perto, então eu optei por trabalhar perto de casa, surgiu a vaga e eu troquei, por que a minha vaga era nos Ingleses no infantil, por ser mais perto eu venho de bicicleta, por ser mais fácil né? eu tenho mais tempo também, mais qualidade de vida, eu venho na

escola no tempo que eu posso vim, no dia que tem hora atividade eu venho organizo algumas coisas, e.... seria isso.

P1. Ótimo!

P1. E qual foi o seu sentimento no início da docência, assim, como que você se sentiu no começo quando começou trabalhar na escola?

E1. hum... Como assim? É...

P1. Como que foi esse impacto, vamos dizer assim, o que você percebeu no início da docência que sentimento lhe veio?

E1. Hã... no primeiro momento assim, quando eu comecei a dar aula com certeza senti bastante dificuldade assim, por que na verdade eu fiz a minha faculdade não pensando em ser professor e dar aula na escola, apesar de ser licenciatura plena, no primeiro momento não foram os meus planos né, então quando eu cheguei na escola, claro, tive dificuldades, só que fui bem recebida, e eu tive bastante ajuda, eu perguntava corria atrás, eu fui conhecendo as pessoas, os colegas da área, e eles diziam, ó faz isso ou aquilo, me emprestavam o plano de aula pra eu dar uma olhada , ver como que funciona, me indicavam livros pra ler, então me senti bem acolhida, mas em relação a estrutura da escola essa escola tem uma estrutura muito boa, não posso reclamar, tem quadra, tem ginásio, tem material, o que eu peço pra comprar as vezes demora um pouco e tal, tenho um pouco de dificuldade em relação a isso, mas depois vem, mas claro teve também outros lugares que não tinham as mesmas condições, trabalhei em uma creche por exemplo, que eu tinha que dar aula em sala de aula, por que não tinha espaço pra fazer aula de educação física, não tinha estrutura, a escola ficava no morro, era um lajão.

P1. E os principais desafios que você vivencia na sua pratica pedagógica, além desses que você mencionou agora pouco, pensando nos desafios que você enfrenta atualmente ou que é rotineiro da realidade escolar? Assim os principais desafios que você enfrenta ou enfrentou durante sua trajetória como professora de educação física?

E1.Os principais desafios que eu vivencio é... de fazer com que os alunos tenham consciência de que a educação física é uma matéria, que tem conteúdo a ser dado, que... educação física não é assim, Háa eu faço o que eu quero, o que eu gosto na hora

que eu quero, só jogo bola, ou não faço nada se eu não quero, então... essa dificuldade que... a cada dia vai trabalhando né? Tanto que eu faço questão de mostrar o planejamento pros alunos, eu falo o objetivo da aula, eu explico qual o objetivo daquela aula, pra eles saberem, que NÃO, tem conteúdo a tratar, como Português, Matemática, pra eles aprenderem a ter essa visão, que é importante também estar trabalhando um conteúdo que seria a cultura corporal do movimento né? Mas é ... faz parte do ser humano, ele se movimenta, é um ser que se movimenta, que precisa se movimentar, então a gente trabalha essa cultura, a cultura do movimento, e fazendo com que eles entendam também, que deem importância.

P1. Sim, sim, e hoje a gente enfrenta essa dificuldade nem só por parte dos alunos né? Até... se você pensar a educação física no sentido geral, ela está sendo desprivilegiada com essas novas reformas que vem colocando a educação física como facultativa, onde ela vai perdendo a sua legitimidade na área da educação e tudo mais, e.... E1. Sim, sim, vários, até artes e filosofia, é... **P1. E essas reformas vem pensando a escola como um meio para o mercado de trabalho né, tiram a sua importância na formação do indivíduo.** E1 Mercado de trabalho, eles querem é criar massa de manobra pra trabalhar, pra tentar conseguir trabalhar e obedecer e aceitar as condições né, é... e tem também as terceirizações que vem crescendo ai... e tomando conta. (Interrupção externa)

P1. Bom, e como é uma aula sua de educação física, em termos gerais se você pudesse descrever, como é uma aula sua... de educação física? E1... (Refletindo sobre a pergunta) **P1. Assim como que você pensa, reflete sobre sua aula, sobre seu trabalho, como é que você elege os conteúdos, como funciona as suas escolhas que vão reger a sua prática educativa.**

E1. Tá, é... **P1. Assim, pode ser desde a questão do seu trato com os alunos, ou... como você pensa a sua aula, até as escolhas dos conteúdos e tal, em termos gerais como que é uma aula sua de educação física?**

E1. Hã... bom em relação as escolhas dos conteúdos desde o ano passado, retratado aliás, a gente vem, é... junto com os professores da rede de Florianópolis de Educação Física, é... ajudaram a pensar numa proposta curricular pra educação física, e esse ano a gente começou... a gente tem formações, a gente discute muito, conversa muito sobre isso, i... desde o ano passado a gente começou a botar em prática, por que

daí vem a proposta mesmo, definitiva agora né? Veio impresso e tudo, a gente até ajudou a elaborar, foi muito legal, i.... esse ano a gente começou a botar em prática a.... proposta curricular mesmo, os conteúdos, a gente vai trabalhar então... o meu planejamento é feito em cima disso né, dessa proposta curricular, e em cima da proposta eu vou elegendando os conteúdos, e claro, de acordo com.... é.. de acordo com a realidade também né? Por que... por exemplo, eu planejei pra turmas o conteúdo de tênis e outros esportes diferenciados, porém não nesse momento por questão de falta de materiais né? Então a gente tem mais isso, tem que planejar as aulas conforme a estrutura que eu tenho no momento né? Se eu tenho quadra, se eu tenho material, é.... então eu vou planejando em cima disso né? Seleciono os conteúdos e os alunos também né, tem turmas que eu pego desde o quinto ano que eu tenho mais facilidade de trabalhar, que hoje estão nos anos finais, então eu já tenho mais facilidade de trabalhar certos conteúdos, do que a turma que não foi, que não veio comigo desde o quinto ano assim... então eu já sinto essa diferença.

P1. Mas é.. como que funciona essa sua relação com eles, o seu dialogo, como é que você apresenta determinado tema ou conteúdo?

E1. Sim... sim, eu explico pra eles, normalmente assim, eu explico pra eles ó, no início do ano eu falei, ó pessoal esse primeiro trimestre, eu divido por trimestres, é... nós vamos trabalhar esse, esse e este conteúdo, e então... vai ser esses conteúdo a serem trabalhados no primeiro trimestre, no segundo outros conteúdos e no terceiro outros, então eu chego em sala, eu falo ó, é... vamos trabalhar tal conteúdo, hoje o objetivo da aula são esses, explico quais os objetivos que a gente vai trabalhar naquele dia, explico as atividades que vamos fazer e em seguida a gente vem pra quadra e aí fazemos as atividades propostas, i... depois eu pergunto pra eles né? Pra ver se eles entenderam quais eram os objetivos, ou se não entenderam, por que as vezes tem uns que ficam meio perdidos, assim, não prestam muito atenção. P1. Uhum... e você chega a fazer alguma roda de conversa com... E1 Sim, sim... as vezes sim, e também depende da turma, nem sempre eu consigo, ou as vezes eu faço o feedback com eles na outra aula, na próxima aula, no início da aula que é mais fácil as vezes do que reunir todo mundo no final da aula, normalmente é bem difícil quando eu comecei a dar aula, eu tive bastante dificuldade, principalmente no fundamental, e até no infantil, você vê assim falta as vezes de respeito, de cuidado, de respeito entre eles mesmos, e até hoje assim algumas questões, você chega pra dar aula, tu fala o objetivo da aula os conteúdos e os alunos querem coordena-

nar, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. E... também faço um... eu faço algumas perguntas pra eles, eu passo, passei esse ano uma folha pra eles, uma folha pra cada turma, é... eles falando pra mim o que eles gostam ou gostariam de fazer na aula de educação física, e em cima do que eles gostariam de fazer eu planejo as minhas aulas e vou inserindo o que eles pediram também, então... eu vou conversando com eles, as vezes eles pedem, háa professora, tal coisa, é... vamos fazer tal coisa, ai dependendo da relação com o que foi proposto na aula, a gente tenta naquele momento ou em outro é... inserir aquilo que eles estão pedindo também.

P1. Uhum, interessante, é... e que avanços você evidencia no seu trabalho, assim no seu fazer pedagógico com os alunos, que avanços você observa por parte dos alunos.

E1. Assim os avanços que eu via assim, quando eu entrei os alunos não davam é... sumiam muitos materiais, é... os alunos vinham pra aula de qualquer é... com qualquer roupa, é... de chinelo, de jeans, de sandália, então isso eu fui trabalhando com eles né? É... criando essa visão de que é importante, ter que vir de tênis, vir com uma roupa adequada, pra ter mais segurança, pra evitar de se machucarem e pra facilitar a participação deles nas aulas, é... eu fui explicando né? Então eu cobro, eu tenho tabela, então mesmo, hoje em dia, muitos se cobram, haa fulano não veio, ou eles mostram olha professora hoje vim com a roupa adequada, e outros muito vem e trocam na hora, vao la e trocam a roupa, então foi uma coisa que eu fui construindo com eles assim... foi um processo e que hoje eu tenho um bom resultado. P1. E a adesão dos alunos é boa? Assim deles participarem das aulas... E1. Sim, começo era aquela questão, haa.. não é importante não vou fazer, não quero, Não!, dai eu digo não, que é uma aula como português ou matemática, e que vocês devem fazer, claro que dentro das suas limitações, tem alunos que tem mais habilidades e outros que tem menos né? É... mais assim, como são turmas grandes, é... eu acabo dividindo muitas vezes eles em grupos né? Então o grupo entra, participa da aula, ou sai e entra o outro grupo, ou eu tento fazer atividades em que todos participem, depende muito, da turma, da quantidade de alunos que veem no dia, do tempo e tudo mais.

P1. Gostaria de perguntar agora, na sua opinião, qual é o papel da educação física escolar? ... Qual a sua função na escola, sua importância, nas suas palavras?

E1. Perai deixa eu pensar (risos), deixa eu pensar... Bom, eu acho que o papel... da... Educação Física..., é... trabalhar... na verdade a gente trabalha a cultura corporal do movimento né? P1. **Uhum.** E1. É uma cultura que a gente trabalha, e eu procuro... pra mim assim, eu procuro trazer para os alunos que a educação física não é só jogar um... jogo, ou um futebol, um esporte, que é mais do que isso né? É manter relações, eles saberem respeitar um ao outro... é... a educação física é muito além do... muito ampla, ta além do esporte, do físico né? Tem um serie de valores, que eu tento alias trabalhar com eles, não apenas a parte física, na questões dos valores eu friso muito, é..., cobro muito deles em relação a isso né? É.. respeitar um ao outro, a valorizar, a valorizar as aulas também, é... que eles... tem muitos né, alunos que não gostam, que são mais preguiçosos, aliás sedentários né? E... que não praticam nenhuma atividade física na escola e nem fora dela, então meu objetivo é conquistar esses alunos de algum forma, todos eles que... por mais que ele não vá sair da escola e não vai mais jogar um basquete, um handebol, ou alguma outra coisa que a gente faz aqui, pelo menos que ele saia daqui tendo essa experiência, essa vivencia, tendo vivenciado isso, para que ele possa levar para o resto da vida dele, que atividade física está muito relacionado a saúde né, então... eu sempre procuro ter essa conversa com eles assim né? Tanto que eu tenho um conteúdo de atividade física e saúde, já trabalhei com eles, com os anos finais oitavos e nonos, gosto de trabalhar a questão da alimentação saudável, o porquê da importância da prática de atividade física... Então eu sempre procuro que eles leve m isso pra eles né? Que de alguma forma eles procurem algo que eles gostem, que de prazer e que eles possam praticar, né? E levar pra vida deles.

P1. Perfeito! E... mais um pergunta então, é... a respeito dos professores, do colegiado como um todo, é... como é que você enxerga a contribuição dos seus colegas professores nessa escola, que contribuição eles oferecem, que influencia na sua pratica educativa, no seu trabalho docente?

E1. Bom, esse ano mudou... mudou praticamente quase todos os professores né? E ai entrou a greve, então ta... a princípio desde o início nós tínhamos, o professor de ciências e de matemática nós já tínhamos combinado em fazer passeio ou, é... linkar algum conteúdo que eles estavam tendo com alguma coisa... na educação física né? Ciências, e matemática também queria fazer um passeio na UFSC, até a Universidade levar o pessoal do nono ano, no laboratório de ciências e eu queria já aproveitar e levar junto pra eles visualizarem a parte lá... do... a parte esportiva lá da universidade e tal, no

ano retrasado eu levei os nonos e foi bem legal, então... a princípio assim é isso.... P1. Essa questão da troca rotineira de professores no colégio, principalmente com os ACTs, influencia bastante né? na escola como todo, assim, por que eu vejo que os professores acabam tendo pouco contato com os alunos, não ficam tempo suficiente pra criar laços e poder fazer um bom trabalho, então... E1 Sim, isso influencia bastante assim, no dia a dia, por que não dá tempo dos alunos conhecerem bem os professores né, e nem os professores de conhecer os alunos pra poder aprender a lidar melhor com eles e tal, isso... com certeza influencia no trabalho do professor, sem dúvida!

P1. Bom, é... chegamos já no final da entrevista, e eu gostaria de deixar um espaço pra você falar algo, é... que você se sinta à vontade pra comentar a respeito de algo que não foi falado, ou... é... esclarecer melhor alguma coisa que você... disse nessa entrevista, enfim, deixar um espaço pra você falar o que quiser, caso você queira, claro (risos). Fique à vontade, assim, sem compromisso (risos).

E1. É... que.... que a cada dia né, eu dando aula, que a cada dia a gente vai aprendendo, vai... não posso dizer que... eu sei tudo, que ta tudo fechado, cada ano eu vou aprendendo mais, vou... o pensamento vai mudando, algumas estratégias a gente vai criando.... i.... eu já notei assim que... no meu terceiro ano na escola, do primeiro ano pro terceiro, eu já notei assim que eu, venho colhendo frutos assim... questão de roupa, de participação, então isso a gente vai... até a questão de relacionamentos com os próprios alunos assim, eu já vejo que eles tem um vínculo comigo, já respeitam mais. Né? Então isso, vai ajudando no trabalho assim, bem... bem feliz eu to esse ano de poder ter visto essa mudança do primeiro ano pro terceiro assim, bem legal! (risos)

P1. Bom... é... muito bom, obrigado pela atenção professora, desculpa algum incômodo, mas... queria dizer que foi uma boa a entrevista. Obrigado!

10. APÊNDICE B – Diários de Campo

Apêndice 1

DIÁRIO DE CAMPO – 1º RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

11 de maio 10:15h

> 10:15h início do recreio, as crianças dos anos iniciais iniciam o recreio 5 minutos antes.

- > A grande maioria dos alunos não está uniformizado.
- > A quantidade de alunos presentes na escola aparenta estar muito reduzida, proveniente do mantimento da greve por parte de alguns professores.
- > Pergunta? Quantos professores ainda permanecem em greve?
- > Alunos jogam bola durante o recreio, a maioria apresenta a camiseta de formandos porem algumas crianças aparentemente mais novas e menores participam do jogo de futebol junto aos alunos mais velhos.
- > Pergunta? A escola disponibiliza a bola para os alunos jogarem no recreio?
- > Os alunos dos anos iniciais brincam durante o recreio no parquinho da escola.
- > 10:37h, 7 minutos após tocar o sinal de encerramento do recreio uma boa quantidade de alunos mantém-se fora de sala, conversando e interagindo com os demais colegas, alguns se concentram em volta de uma mesa de ping-pong (tênis de mesa) assistindo os colegas jogarem.
- > Sem nenhuma intervenção do colegiado (professores e coordenadores) os alunos começam a retornar as suas respectivas salas de aula. Alguns professores também se dirigem as salas de aulas alguns minutos depois do sinal de encerramento do recreio.
- > 10 44 início da aula de educação física na quadra

Aula de Educação Física 9º ano Conteúdo = Futsal

A prof.^a de edf propõem como conteúdo o futsal, porem ao me aproximar da prof.^a ela comenta a respeito da aula e diz que no seu planejamento estava previsto o ensino do conteúdo de basquetebol, porem devido a interdição do ginásio da escola a aula teve que ser realizada na quadra externa onde não há cestas de basquetebol, algo que poderia ser adaptado mas de acordo com a prof.^a. por um grande pedido da maioria dos alunos pelo futsal foi decidido por ela uma mudança no planejamento.

As atividades desenvolvidas em quadra foram previamente explicadas em sala de aula e no momento da execução os alunos já conseguiam se organizar facilmente sem muita demanda da atenção da prof.^a. Contudo foi desenvolvida apenas uma atividade construída pela prof.^a e após esta atividade os alunos jogavam o futsal de forma tradicional até o termino da aula, porem pelo tempo utilizado em sala de aula, mais o tempo de deslocamento e organização da uma foi possível identificar o porquê de ser aplicado apenas uma atividade construída pela prof, pois ao termino da atividade restou-se pouco tempo para os alunos praticarem o jogo de futsal propriamente dito.

A prof.^a. enfatizava o uso de calçados adequados para praticarem a atividade não permitindo que os alunos que estavam calçando chinelo de dedo participassem jogando de pés descalços. No entanto para esses alunos a prof.^a os convidava pra auxiliar na arbitragem do jogo.

Apêndice 2

DIÁRIO DE CAMPO – 2º RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

18 de maio 09: 55h

Aula de Educação Física 6º ano Conteúdo = Basquetebol

A professora explica a atividade proposta e organiza os alunos em dois grupos.

Os alunos ficam disposto em 2 colunas separadas paralelamente, cada coluna de alunos realiza uma atividade especifica.

Coluna 1: Atividade condução de bola com a mão direita em ziguezague por entre cones, retornando em seguida com mão esquerda.

Coluna 2: Realiza uma atividade similar com deslocamento de bola em ziguezague com os cones separados paralelamente a uma distância maior, após chegar ao final do circuito os alunos realizam o arremesso de bola em uma cesta adaptada presa no alambrado.

1ª Obs: A aula foi realizada na quadra externa da escola, onde não há cestas de basquetebol sendo necessário adapta-la, porem a escola conta com um ginásio onde há cestas e quadra de basquetebol, mas por conta de uma interdição do ginásio por infestação de pombos as aulas de educação física só acontece fora desse espaço.

2ª Obs: Atividade mecanizada e repetitiva privilegiando o gesto técnico dos fundamentos do basquetebol, apresentando um estilo de aula relativamente tradicional. Além disso na entrevista realizada com a professora, considerou que concebe como importância e objetivo da educação física o ensino da cultura corporal de movimento. Acredito que atividade poderia ser melhor desenvolvida para dar conta de uma proposta de educação física voltada a cultura corporal de movimento, privilegiando uma experiência de jogo ou brincadeira que tematizasse o conteúdo proposto.

3ª Obs: Número de alunos presente nesta aula eram de 25, compreende-se ser uma turma sobrecarregada, e que poderia ser um dos motivos pela opção de determinada atividade.

Restando 15 minutos para o término da aula a profª propõem um jogo de basquetebol, dividindo a turma em 2 equipes separadas por coletes de cores diferentes e adaptando a cesta de basquetebol por bambolês, onde um aluno de cada equipe eleva o objeto ao alto representando uma cesta para que os demais possam realizar o arremesso.

RECREIO.

Durante o recreio ocorre uma manifestação de alunos da escola reivindicando a revitalização do ginásio que está interditado desde o ano passado por uma infestação de pombos, os alunos do 9º ano junto com a diretora da escola e da professora de edf reúnem-se em frente ao ginásio, e por meio de cartazes e apoio dos demais alunos de diferentes séries, retratam fotos e filmagens para encaminharem a prefeitura municipal de Florianópolis-SC.

Aula de Educação Física 9º ano Conteúdo = Futsal

Após o recreio inicia-se a aula de educação física do 9º ano, ao conversar com a profª no momento da aula, ela relata que explicou a atividade proposta aos alunos em sala pra facilitar a organização da aula em quadra.

1ª atividade: Aula similar as atividade de basquetebol desenvolvida com os alunos do 6º ano, os aluno dividem-se em 2 grupos, cada grupo organiza uma coluna, cada coluna executa uma atividade específica remetendo ao tema da aula.

Coluna 1: Os alunos um de cada vez, conduz a bola com os pés entre os cones que ficam disposto em coluna a uma distância pequena entre si.

Coluna 2: Os alunos conduzem a bola em duplas alternando passes entre si até a área do gol onde finalizam com um chute.

Obs: Os alunos ficam um certo tempo ociosos esperando a sua vez para executarem a atividade proposta. A atividade se repete por um determinado tempo e os alunos alternam de colunas sempre que finalizam uma atividade.

2ª atividade: Jogo de futsal tradicional, com equipes mistas de menino e meninas, sendo determinada pela prof^a por ter conhecimento das capacidades e habilidades físicas do seus alunos, fazendo com que possa equilibrar melhor as equipes. Alguns alunos não participam do jogo por não estarem utilizando calçados adequados e também por resistirem a participar. Alguns desses Esses alunos contribuem com a atividade apitando o jogo e os demais conversam entre si.

Aula de Educação Física 7º ano Conteúdo = Futsal

A prof.^a realiza explica rapidamente através do quadro a atividade proposta. A prof.^a comenta que a atividade era similar a de uma aula anterior, e os alunos não apresentam nenhuma dúvida demonstrando perceber do que se trataria aquela aula, possivelmente era uma atividade idêntica a uma outra aula, e que naquele momento a prof.^a estaria apenas retomando um conteúdo. Em seguida os alunos são conduzidos até a quadra. **Obs:** A prof.^a conta com o auxílio de monitores, esses monitores são alunos do contra turno que interessados em conhecer o trabalho do professor, participam de tal forma que auxilia na organização das atividades, no controle de chamada e no recolhimento de materiais. Estes monitores apresentam-se uma vez na semana para acompanhar as aulas de educação física, esta iniciativa é de cumprimento da prof.^a de edf que elaborou tal proposta e conta com a participação de alguns desses monitores em ambos os turnos.

1ª atividade: Os alunos são divididos em 2 colunas, cada coluna executa uma atividade específica.

1ª coluna: Em quadra os alunos conduzem a bola individualmente um de cada vez, em determinado momento o aluno avança a bola para frente e transpõem obstáculos (pequenas traves) saltitando até alcançar a bola que havia avançado, em seguida retoma a bola para o início da coluna. **Obs:** nesta atividade alguns alunos demonstraram desinteresse, falta de motivação e empenho em realizar a atividade, isso decorreu principalmente por meio das meninas.

2ª coluna: Organizada em um espaço os alunos conduzem a bola em duplas alternando passes entre si até a área do gol onde finalizam com um chute.

Obs: A segunda coluna foi organizada ao lado da quadra externa em uma área que designa um pátio de terra, o motivo se deu por conta da utilização da metade da quadra

por alunos que participam de um projeto voluntario de handebol, que mescla alunos do contra turno, e até mesmo alunos de outras escolas, tal projeto viabiliza o treino de handebol para preparar esses alunos para campeonatos regionais.

3ª atividade: Restando 15 minutos para o termino da aula inicia-se o jogo tradicional de futsal, a quadra é liberada não havendo mais alunos do projeto de handebol, e com isso a profª organiza equipes mistas de meninas e meninos para jogarem o jogo.

Apêndice 3

DIÁRIO DE CAMPO – 3º RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO

23 de maio 09:31h

Aula de Educação Física 7ª ano Conteúdo = Taco

A aula foi organizada no pátio e na quadra externa, a escola detinha dos materiais necessários, bolinhas tacos e as traves que servem de base para o jogo. A profª organizou quatro plataformas de jogo, 2 no pátio e 2 na quadra, totalizando 16 alunos jogando simultaneamente. As regras do jogo não foram explicadas com detalhes em sala de aula pois os alunos já tinham conhecimento do jogo em questão, porem alguns ainda apresentavam dificuldades e confusão a respeito de algumas regras, sendo orientados sempre que necessário pela profª. O monitor da disciplina conduzi-o o jogo que acontecia em quadra realizando a contagem de pontos, e a profª junto da minha presença orientava os alunos que estavam no pátio, além disso duas duplas ficaram de fora pelo excesso de participantes do jogo, revezando sempre que alguma dupla de uma respectiva plataforma vencia o jogo completando 8 pontos. A aula prosseguiu até o seu termino, apresentando bastante motivação e participação dos alunos. Enquanto isso eu pude me aproximar melhor da profª pra criar um laço de afinidade, pois minha presença mesmo sendo aceita causava um certo estranhamento e incomodo por parte da profª que aparentava sentir-se avaliada a todo momento, pois me observava analisando a aula e descrevendo-a no meu diário de campo.

23 de maio 10:40h

Aula de Educação Física 9º ano Conteúdo = Futsal

Em sala de aula a profª explica a atividade proposta, em seguida conduz os alunos até a quadra.

1ª Atividade: Os alunos dispõem-se em uma única coluna, um dos alunos é selecionado para ser o goleiro fixo por não estar utilizando calçado adequado, os alunos trabalham a condução de bola em duplas e em determinado momento próximo a área do gol realizam o gesto tático de tabela, onde um colega avança a bola na perpendicular intencionalmente um passe, nesse momento o goleiro avança pra interceptar a bola e o colega domina a bola realizando um novo passe para o outro colega finalizar no gol. A atividade se repetiu até todos concluírem uma única vez e em seguida iniciou-se a próxima atividade.

2ª Atividade: Jogo de futsal tradicional. Em um primeiro momento a prof.^a organizou equipes mistas de meninos e meninas para jogarem o jogo durante 10 minutos, ao término desse tempo os meninos formaram duas equipes para jogarem por mais 10 enquanto as meninas aguardam a sua vez jogando vôlei no pátio ao lado da quadra. No último momento foram reservados 10 minutos para as meninas jogarem uma partida entre si, e enquanto isso os meninos jogavam futsal no pátio ao lado. Obs: Neste dia quatro alunos, sendo eles meninos, não foram permitidos pela prof.^a a jogar futsal, pois não apresentavam calçado adequado para o jogo, algo que é muito cobrado pela prof.^a naquela escola para evitar possíveis acidentes, desses quatro alunos 2 utilizavam chinelos e o restante insistiam em jogar de pés descalço para evitar de estragar o tênis aparentemente novo e que não condizia ao um modelo adequado para pratica de atividade física. Estes alunos foram convidados a participar auxiliando na arbitragem do jogo, desses quatro apenas dois se propuseram a participar e o restante ficava de canto conversando com os demais colegas que esperavam para entrar na partida.

11. APÊNDICE C – Conjuntura Escolar

Estrutura Física:

A estrutura física da escola divide-se na parte térrea em vários blocos, conforme a descrição abaixo. Além disso, apresenta estado de conservação satisfatório, com instalações elétricas, sanitárias e estruturas físicas em condição de uso, boa iluminação, um amplo espaço coberto e bem arejado, além de pátios relativamente arborizados.

Conforme o documento atualizado da escola (Projeto Político Pedagógico, 2018). A estrutura física da escola no ano de 2018 dispõem das seguintes dependências, utilizadas para o seu funcionamento administrativo e pedagógico:

- 13 salas de aulas;
- 01 sala informatizada;
- 01 sala de laboratório de ciências;
- 01 sala para atividades físicas;
- 01 sala de professores;
- 01 secretaria;
- 01 auditório;
- 01 brinquedoteca;
- 01 sala para rádio escola;
- 01 sala de materiais didáticos e fotocópias;
- 01 sala para orientação educacional;
- 01 sala para supervisão e direção escolar;
- 01 sala administração escolar e arquivos;
- 01 sala para materiais de educação física;
- 01 sala para depósito materiais de limpeza;
- 01 Sala Multimeios
- 01 refeitório;
- 01 sala para o grêmio estudantil
- 01 sala para direção ensino médio;
- 01 sala para depósito ensino médio;
- 01 sala de informática do ensino médio;
- 01 guarita;
- 01 casinha que serve de depósito de ferramentas;
- 01 parquinho madeira e 01 de plástico;

- 01 banheiro para alunos (as) menores adaptado para crianças
- 02 banheiros para ensino fundamental
- 02 banheiros para ensino fundamental com adaptação para cadeirante
- 01 banheiro unissex;
- 01 sala de instrumentos musicais;
- 01 banheiro para professores (as);
- 01 quadra de esportes;
- 01 ginásio poli esportivo.

Estrutura Administrativa

A Escola conta com 55 Colaboradores, entre terceirizados, contratados e efetivos, que são: Diretora, Secretária, Administradora Escolar, Supervisora Escolar e Orientadoras Educacionais, professores, Bibliotecária, Cozinheiras, Auxiliares de Serviços Gerais. (Projeto Político Pedagógico, 2018).

Alunos Atendidos

A Escola atenderá em 2018 um total de 499 alunos do Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, distribuídos em 18 turmas, sendo 250 alunos no período matutino, e 249 no período vespertino (Projeto Político Pedagógico, 2018).

Mapa dos espaços físicos utilizados para as aulas de Educação Física:

A: Ginásio Poli Esportivo

B: Quadra de Esportes

C: Pátio de Terra

D: Parquinho Infantil

E: Sala para Atividades Físicas

F: Sala Informatizada

Fotografia 01: Imagem de satélite de uma escola da Rede Municipal de Florianópolis, SC.



Fonte: DigitalGlobe, Dados do mapa @2018 Google.